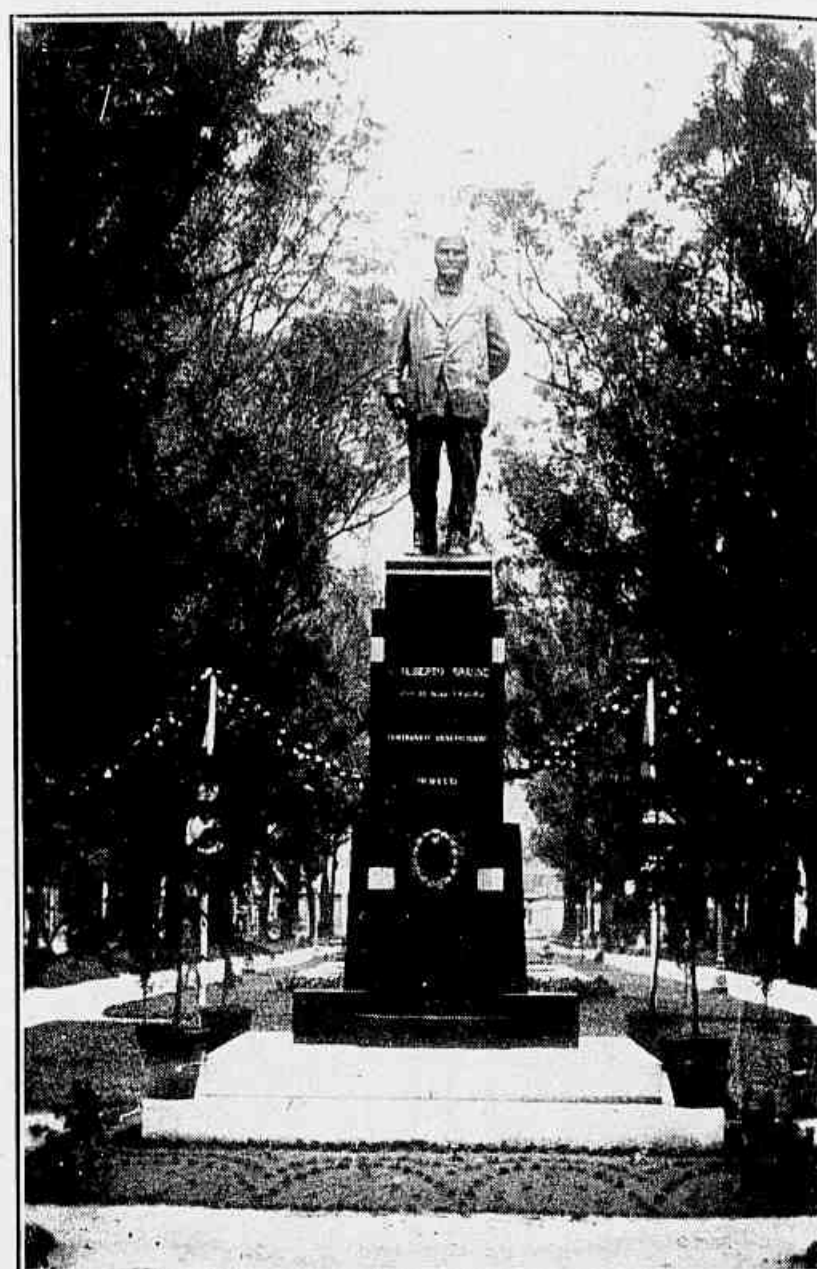
Revista da Semana

ANNO XXXII -- N. 42 -- PREÇO 1$500 -- 3 DE OUTUBRO DE 1931

Monumento do pharmaceutico Alberto Braune, idolo do povo de Friburgo, onde foi o medico dos pobres, o apostolo do Bem e da Caridade. Foi inaugurado a 7 de Setembro ultimo, perpetuando a sua memoria e gravando a gratidão dos habitantes da bella cidade da Serra dos Orgãos.

As flôres e a musica

Ha flôres sobre as quaes a musica exerce grande influencia. Os cravos e os cyclamens, por exemplo, não a podem supportar. Tal a descoberta feita em Inglaterra por um estudante de botanica que chegou, diz elle, ás seguintes conclusões:

"Quando certo volume de som se faz ouvir ininterruptamente durante muitas horas, certas flores ultra-sensiveis inclinam-se em direcção opposta áquella donde vem a musica. As flôres das grinaldas dum corêto onde toque uma banda de musica, sentem isso de modo verdadeiramente espantoso. Ao cabo de algumas horas verifica-se que todas ellas desviaram a corolla daquella fonte musical. Cravos collocados bem em frente ao estrado, voltaram-se para o lado opposto. E quanto a isto não póde haver duvida : a toda a sorte de flôres attingem as vibrações causadas pela musica".

Estas observações naturalmente determinarão outras pesquizas, como por exemplo: Se as flôres não toleram o jazz, gostarão de Bach ou de Beethoven, em piano ou musica de camera, voltando-se então graciosamente para o foco melodioso? Talvez dahi resulte a adopção dum novo criterio musical. E até porventura a creação duma nova musica!

Jantar offerecido pelos funccionarios da Superintendencia da Limpeza Publica ao sr. maior Domingos José Meireles, ajudante do superintendente, pela passagem de seu anniversario a 22 do mez p. p.

Um aspecto do *sarau* promovido pela tripulação do *Dauntless*, no dia 21 do corrente, nos salões do *Rio Athletic Association*, gentilmente cedido pela directoria.

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXII | Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1931 | NUMERO 42

"O que é que ha?"

POR Affonso de Carvalho

HA um anno precisamente, essa interrogação fléchava as nuvens como um dardo de fogo, levando ao Brasil inteiro, de Norte a Sul, o annuncio da maior tempestade que já agitou os céos brasileiros.

Na senha da interrogação, puderam os revolucionarios, ha muito preparados para a arrancada triumphal, vêr a affirmação de um acontecimento esperado ha oito annos, como se fôra uma verdadeira redempção.

E as palavras cabalisticas tremeram no espaço, cortaram as nuvens, como signos terrivelmente ameaçadores, á maneira de *Mané, Tecel, Pharés*, do Festim de Balthazar ou do *In hoc signo vinces* do Imperador Constantino.

O resultado foi fulminante. Em Porto Alegre, o leão revolucionario saltou de um impeto sobre o Quartel-General. Foi uma preza relativamente facil. Mas o mesmo não occorreu no Morro do Deus Menino e no Quartel do 7.° Regimento. Lutou-se. De lado a lado o sangue correu, no baptismo da Revolução. Mas, vencidas as naturaes resistencias, estava o movimento revolucionario triumphador logo ás primeiras horas.

Em Minas, o bravo povo montanhez correu ás armas no momento preciso e deu á luta uma das suas mais bellas paginas — a resistencia do 12.° Regimento em Bello Horisonte — em cujas trincheiras e cercas de arame farpado, o heroismo cobriu de gloria os valentes lutadores de lado a lado.

Na Parahyba e Pernambuco, e conforme fôra de esperar da bravura do nortista e do seu comprovado desejo de lavar no sangue as affrontas com as quaes se pretendeu humilhar o Norte, a Revolução cumpriu *O que é que ha?* com golpes de violencia estupefacientes. Passou, numa arremetida demolidora, sobre o cadaver do bravo general Wanderley e sobre a covardia de alguns governadores, que não souberam manter a dignidade do cargo, para, afinal, triumphar inteiramente, reconduzindo a um estado luminoso de liberdade, as populações nortistas, ha muito enfeudadas aos caprichos de tyrannetes caricatos.

Articulada no Norte, no Centro e no Sul, facil foi á Revolução marchar da peripheria para o centro — e vencer.

Venceu. Faz hoje exactamente um anno que começou a raiar a alvorada da Victoria...

Repetimos agora a phrase famosa, não mais como a senha, que fez despertar o Brasil para os brazeiros da Revolução, e sim como verdadeira interrogação, á qual as realizações revolucionarias, depois de um anno, teem que dar uma resposta cabal.

O que é que ha? depois da Victoria da Revolução? Ha, indiscutivelmente, um regimen de moralidade administrativa ha tanto tempo reclamado pelo povo, constantemente victima de governantes ineptos e deshonestos, já habituados á mais criminosa delapidação dos dinheiros publicos.

Ha um Brasil saneado de camarilhas e camorras, quadrilhas e olygarchias, espalhadas em todos os Estados para roubar — roubar o Thesouro, roubar o povo, roubar a terra, e, peior que tudo! roubar a honra de um paiz novo como o nosso, sujeitando-o, no extrangeiro, á vergonha de uma cova de Cacos.

Ha um indisfarçavel ambiente de paz, tranquillidade e tolerancia, onde os mais rancorosos inimigos da Revolução vivem como creaturas predestinadas, gozando suavemente a vida num Jardim de Epicuro, podendo á vontade arremessar seus epigrammas venenosos contra o governo, entre dois goles de cock-tails ou de whisky...

Ha uma perfeita consolidação da ordem publica, repousada primacialmente no patriotismo das forças armadas, conscias dos seus deveres perante o Povo e a Revolução e, mais que nunca, dispostas aos prestigios dos governos que fazem o engrandecimento do Brasil.

Ha uma preoccupação de rigorosa economia em todos os orçamentos, abolidas as despezas superfluas, que faziam do Brasil o mais inconsciente dos perdularios.

Ha um regimen de mais absoluta franqueza e sinceridade nas relações do Governo com o Povo. Acabou-se o habito da sonegação da verdadeira situação economica e financeira do paiz, cujos dirigentes até um anno atraz se esforçavam em apresental-a com o maior optimismo, quando a Verdade exigia que fosse apresentada com a realidade que hoje tanto preoccupa os brasileiros, torpemente illudidos até 1930.

Ha uma legislação encarando de frente o problema social, as relações entre operarios e patrões e as questões actuaes do trabalho, já postas em equação para uma solução justa e razoavel em prol da massa trabalhista, e que nunca mereceram a menor attenção dos poderes competentes.

Ha a protecção ao trabalhador nacional até então esquecido dos poderes publicos e condemnado a ficar diluido na massa da multidão dos immigrantes extrangeiros, que passavam a ser os verdadeiros senhores do commercio e da industria.

Ha a destruição da velha machina politica, que por tanto tempo fraudou a soberania popular, fabricando senadores e deputados, sob medida, de accordo com os figurinos encommendados pelo Cattete e pelos governos estaduaes.

Ha a protecção e o estimulo á producção nacional, que, vae fugindo dos perigos da monocultura para tornar-se a garantia legitima da riqueza nacional.

Ha prestigio como nunca nas forças armadas, cujos representantes collocados em quasi todas as Interventorias, manteem as tradições de honestidade e de absoluta correcção moral da classe.

Ha, sobretudo, um regimen de moralidade, prestigiado por todos os que tem certa parcella de autoridade.

Ha o trabalho titanico para fazer o Brasil retomar o rythmo de progresso a que tem direito, tornando-o unido e forte como o sonhou Benjamin Constant.

Affonso de Carvalho

Falso testemunho

conto de Albert-Jean

Em voz bem clara e imperiosa, o juiz perguntou:

— Ralph Stalky, reconhece em Alice Wolkstein a mulher que, a 20 de Abril ultimo, parou, num automovel, defronte da sua casa e lhe pediu um balde de agua para o carro?

A testemunha observou o rosto da acusada, que para elle olhava, numa ansia, num tormento. Os dois olhares cruzaram-se, penetraram-se. Durante alguns segundos reinou na sala um silencio offegante. Depois, com a maior calma, Ralph respondeu:

— Sim, senhor, reconheço!

Alice Wolkstein, então, desatou aos gritos:

— Não, senhor juiz, não! Elle mente! Nesse dia não sahi de casa! Foi outra mulher que tirou o meu automovel da garage e foi ella que assassinou Jim Smiley!

O magistrado voltou-se para Ralph:

— Mantém a sua declaração?

— Mantenho, sim, senhor juiz. Foi esta mulher, tenho certeza, que no dia 20 de Abril, ao cahir da tarde, me pediu um balde de agua para o seu automovel.

Alice tinha lido a sua condemnação nos olhos fixos daquelle homem de cujo testemunho principalmente dependia a sentença do tribunal.

Ralph permanecia immovel, de braços cruzados. Tinha á sua mercê aquella mulher cujo desdem, durante tantos mezes, o humilhara, o espezinhara. Recordava agora a frieza com que Alice Wolkstein repellira os seus juramentos, as suas offertas. Tudo elle tentara para vencer tal resistencia. Alice, porém, mantivera aquella superioridade despreziva... até ao dia em que a policia a acusara de haver assassinado o seu antigo apaixonado, um agente commercial chamado Jim Smiley, cujo corpo aparecera, regado de gazolina e meio calcinado, dentro do proprio automovel da acusada.

Naquelle momento, diante do juiz, Ralph sentiu bem que tirava emfim a sua vingança.

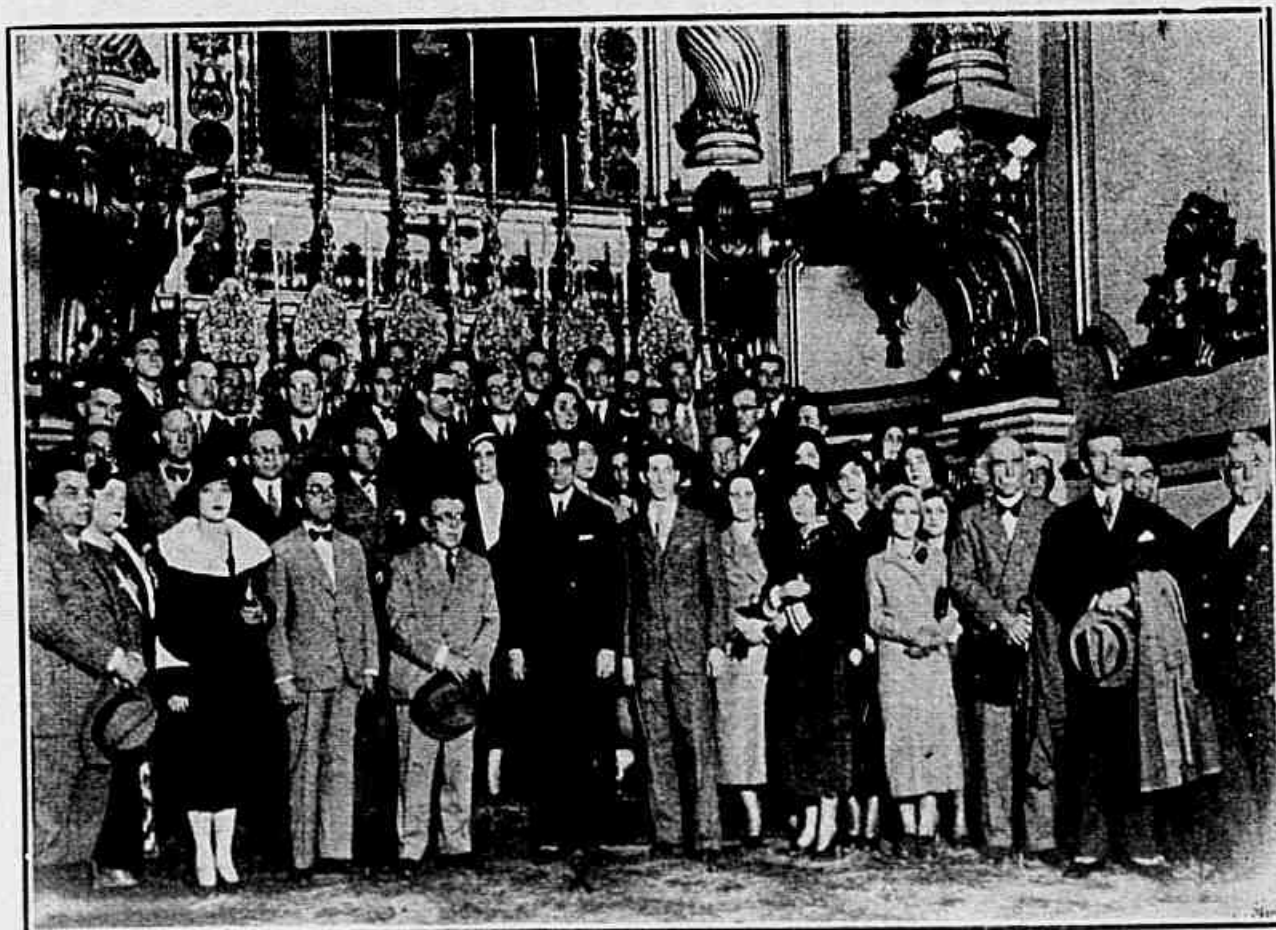
Em vão Alice negou, se debateu, jurou sobre a Biblia que o seu automovel fôra roubado naquelle dia e que, nos ultimos seis mezes, não vira Jim Simley nem delle tivera noticia... Varios testemunhos, claros e concordantes, a condemnavam. De todos, porém, o mais forte, mais cruel era o de Ralph Stalky. Quando elle affirmou que vira Alice ao volante do seu automovel, e falara com ella, e lhe notara o ar preoccupado, ninguem mais teve duvida quanto á sentença: só podia ser a pena de morte.

Alice Wolkstein recebeu a decisão do jury com uma revolta de clamores e gestos desesperados. Lutou com os guardas, protestou a sua innocencia, implorou ao tribunal que reconsiderasse aquella injustiça. Na especie de combate travado com os homens que a cercavam, rasgou o corpinho do vestido e a carne dos seus hombros appareceu, mimosa e magnifica...

Só então Ralph, testemunha falsa, desviou o olhar; e toda a sua physionomia se crispava emquanto os guardas iam violentamente arrastando aquella creatura desgrenhada, apavorada, como se já sentisse enfiarem-lhe na cabeça o capacete fatal.

Ralph Stalky passeava, de cabeça baixa

A bandeira do "destroyer" Alagôas

A data em que se commemorou o 134.º anniversario da emancipação politica de Alagôas, occorrida a 16 deste mez, foi aproveitada para ser feita a entrega solemne da bandeira nacional que as senhoras alagôanas, num bello gesto civico, offereceram ao *destroyer* que tem o nome de seu Estado. A gravura focaliza o aspecto da cerimonia realizada na sacristia da egreja de S. Jorge, após a celebração da missa, em que foi procedida a benção do pavilhão nacional, vendo-se o almirante Protogenes Guimarães, ministro da Marinha, que recebeu a bandeira das mãos dadivosas das offertantes e a transmittiu ao capitão de corveta Adalberto Rodrigues, commandante do contra-torpedeiro alvo do tocante regalo patriotico.

Grupo de pessôas presentes á missa mandada rezar no altar-mór da Cathedral Metropolitana, em acção de graças pela passagem do anniversario natalicio do prof. Clementino Fraga, que se vê ao centro (x) tendo á sua esquerda o dr. Belisario Penna, ministro interino da Educação.

e mãos atrás das costas, no jardim do seu bungalow.

Tinha comprado, mezes antes, aquella residencia depreciada pela visinhança da cadeia. O bungalow pertencera a um dos funccionarios superiores do serviço penitenciario e offerecia, entre outras vantagens, a de receber a agua e a luz electrica da propria prisão, mediante uma quota minima, paga mensalmente.

Ralph contemplava a muralha que sinistramente lhe limitava o horizonte. Para além daquella barreira formidavel, uma pobre mulher — cujo unico crime consistia em haver repellido as propostas de Ralph Stalky — esperava a hora de morrer...

Cincoenta mil assignaturas haviam reforçado uma petição de graça. Mas o governador do Estado não se pronunciara ainda e a coitada soffria o martyrio de esperar na cellula acolchoada, onde os condemnados não teem sequer o recurso de se suicidar.

— E' esta noite!

Ralph surprehendeu-se a proferir essa phrase que um empregado da prisão, de passagem, lhe segredara...

— E' esta noite!

Foi para o quarto de dormir e accendeu as lampadas, todas as lampadas. Toda a luz lhe parecia pouca para lutar com o remorso negro que delle se apossara.

Dominava-o o horror do seu crime. Queria se absorver neste pensamento unico:

"O governador vae agracial-a! E' preciso, é forçoso isso! Eu quero, eu quero!"

Mas recuava á idéa de que só a sua confissão espontanea, completa, poderia arredar a mão do carrasco prestes a dar o contacto fulminante...

Pegou num livro, mas as linhas embrulhavam-se diante dos seus olhos, as palavras tornavam-se incomprehensiveis... Desatou novamente a passear dum lado para o outro...

— Onze horas!

Um grupo de homens devia entrar na cellula da condemnada para lhe communicar a graça do governador... ou para a entregar ao carrasco.

Numa visão semelhante a um relampago, Ralph evocou a sala funebre, o grupo mudo dos jornalistas, o pastor de sobrecasaca e, monstruosa, isolada, a cadeira electrica com os seus fios e os seus electrodios...

— Não! Não! Isso, não!

Foi nesse momento que as luzes oscillaram, baixaram em todo o bungalow. Dir-se-ia que qualquer coisa, immensa e invisivel, lhes abafara a chamma, de passagem...

— Morta! Morreu! exclamou Ralph.

Sabia que a cadeira das execuções consome, ao funcionar, uma corrente formidavel e que todas as lampadas ligadas ao sector da prisão soffrem a depressão daquelle affluxo mortal.

— E fui eu, fui eu o causador disto!

Ralph atirou-se dum salto para o banheiro. Por cima do lavatorio reluzia, numa prateleira, a lamina da navalha de barba. Ralph agarrou a arma improvisada...

Aquillo foi rapido, definitivo. O sangue esguichou das arterias e o homem abateu lentamente no chão ladrilhado.

Um torpor o possuia... Tudo ao seu redor girava e se diluia... Quando sentiu aproximar-se o fim, empregou um supremo esforço para erguer as palpebras...

E morreu, com os olhos fitos nas lampadas que, tendo reconquistado a natural intensidade, feericamente os deslumbravam...

Os escoteiros catholicos no palacio São Joaquim

Grupo formado no jardim interno do palacio São Joaquim pelos escoteiros catholicos que foram saudar S. E. o Cardeal D. Sebastião Leme, que se vê na gravura entre os jovens legionarios christãos chefiados pelo dr. Peixoto Fortuna.

Torneio de tennis (duplas mistas) realizadas no Club Bahiano de Tennis. Vê-se, ao alto, um grupo de jogadores que tomaram parte no mesmo, notando-se assignalados com um (x) os organisadores do torneio.

O progresso da fealdade

Lord Salysbury que recentemente presidiu um congresso para a preservação da Inglaterra rural, fez alli um discurso, no qual declarou que o afeiamento dos campos se estava acentuando na mais lamentavel progressão. Chega a gente a pensar — disse o orador — que, se o progresso é necessario, é tambem horrendamente feio. São indispensaveis as grandes vias de communicação; mas se para a sua creação, se têm que derrubar florestas e destruir os panoramas, chega a gente a perder a confiança na ideia de progresso.

Falando sobre o mesmo assumpto, o visconde Ullswater queixou-se de que para a construcção das grandes arterias, se estava procedendo a uma verdadeira destruição. Os antigos recantos de belleza e socego vão pouco a pouco desapparecendo. Tudo invadem os autocars atulhantes e atroadores.

E' necessario, concluiu esse orador, educar o publico no sentido do amor e do respeito á belleza campestre. Para os habitantes das cidades sobretudo, o campo e as florestas constituem sitios de recreio e enlevo, verdadeiros paraisos para os olhos e para o espirito — e como taes devem ser tratados.

Pensamento

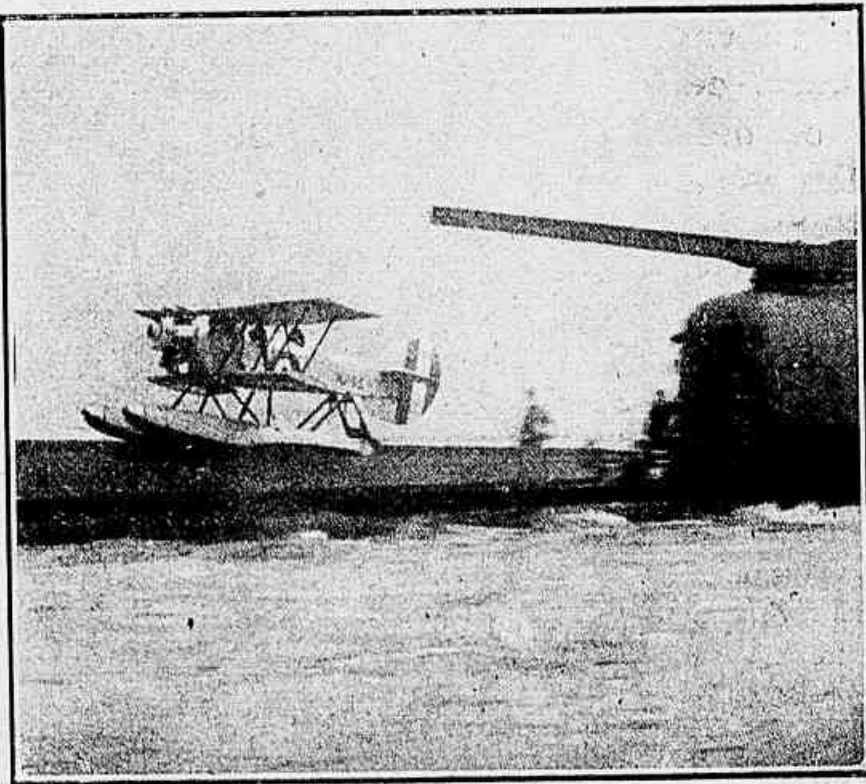
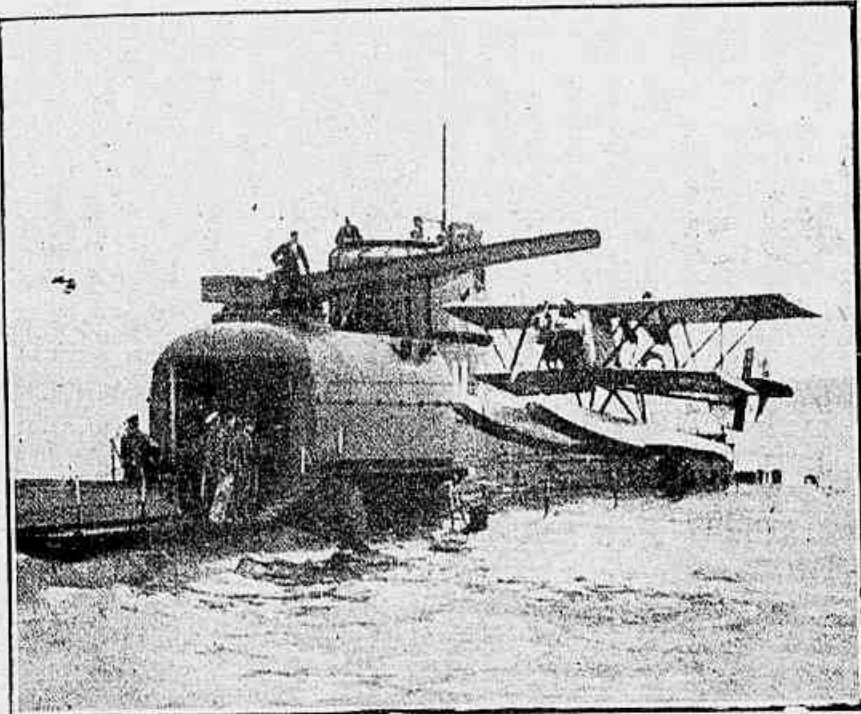
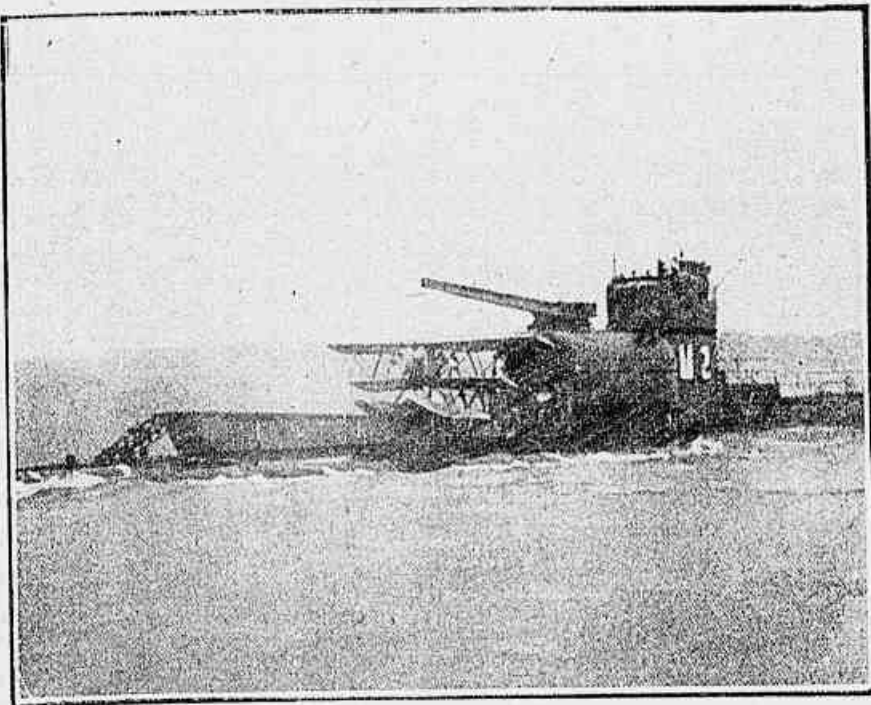
Deve se saber bem o que se quer. Depois de ter reflectido bem, avançar não violentamente e cegamente, mas d'uma maneira calma e tenaz.

Marechal Foch.

A recepção ao sr. Oyvin Lange

Aspecto da recepção no Club Germania, offerecida pelas colonias norueguesa e sueca ao sr. Oyvin Lange, figura de relevo do corpo consular da Noruega e que, como delegado especial de seu paiz, se acha em viagem de intercambio commercial pela America do Sul. A' reunião estiveram presentes os ministros da Noruega e da Suecia e os membros mais representativos das colonias dos dois paizes scandinavos.

Grupo de artistas presentes á reunião preparatoria do Salão dos Humoristas.

O progresso da aviação

Tres momentos caracteristicos da *decollage* de um avião, de bordo de um submarino.

Os animaes em scena

Muitas vezes animaes têm representado papeis e até inspirado peças de theatro, dando-lhes inclusivamente, o titulo. Tal o caso dos Passaros *e as* Rãs, *de Aristophanes. Kotzbue escreveu o* Burro hyperbolico *e o* Cabrito Montez. *Sardou intitulou uma das suas peças* O crocodilo; *e numerosos outros exemplos se poderiam citar:* A Poupa, *de Wildenbruch,* O Grillo, *de Birch-Pfeiffer.* O Pato-bravo, *de Ibsen, etc.*

Na Aida, *o touro Apis é carregado para a scena por artistas; e, na* Flauta encantada, *Papageno traz numa cesta de ouro uma ninhada de aves garridissimas.* No Ouro do Rheno *Albericho é transformado em verme.*

Outras vezes, vêem os homens disfarçados em animaes, assim em Siegfried. *Na* Ondina, *os cysnes occultavam creanças debaixo das asas; e ás vezes os actores ou figurantes, encarregados de desempenhar o papel da ave famosissima, eram tão canhestros, tão desazados, que faziam rir os espectadores e comprometttiam toda a obra.*

Quantas vezes se tem visto cavallos e mulas em scena! E cães, e gatos, e serpentes... Seria interminavel a lista das peças em que entram animaes...

E a revista de que extrahimos estas notas, esquece-se de citar Chantecler.

Baile commemorativo do 31.º anniversario do Club Internacional de Regatas.

Se falasse todas as linguas, mesmo que possuisse todas as sciencias, se não tiver a caridade de coração, não serei nada.

S. Paulo.

PENNA DE UMA RAINHA

Meu Filho:

A morte está se arrastando por sobre a terra inteira... Em todos os paizes debaixo do Sol, a juventude prodigalisa a sua vida por milheiros, as mães choram, os campos bebem sómente sangue. A morte soberana extende a sua mão para arrebatar-me tambem o meu ultimo filho, o mimo da minha alma...

Não chegam tantas mortes, tantos soffrimentos, tantos sacrificios! Toda mulher padece a amargura da separação, chora e roja a sua fronte no pó...

Hoje em dia, quando os filhos das rainhas não teem o direito de expôr as suas vidas nos campos de batalha — eis que a morte se introduz furtivamente no meu lar para arrebatar o mais joven, o mais innocente, o mais indefeso.

Não obstante toda a minha ternura, não o pude salvar, acho-me impotente ante a sua dôr, que não pude alliviar; nem o meu terror, nem as minhas lagrimas podem apagar o ardor que a febre dá ao seu sangue.

Em redor, estão morrendo filhos de outras mãis, entre as paredes desta mesma casa onde estou velando com angustia a vida do meu... Não pude impedil-o... Esta desgraça converte-se em um symbolo de tragedia para a minha Patria, que se está defendendo contra um inimigo que a invade emquanto nas fronteiras o nosso exercito se oppõe á horda que vae avançando no solo bemdito dos nossos lares...

Meu filho... minha Patria... O nosso carinho, os prantos que vertemos, os nossos sacrificios, o sangue derramado... tudo, tudo em vão, pois sem duvida momentos determinados escapam á nossa vontade e pertencem ao Destino.

❧

E' o meu dia onomastico, dia de festa nacional! A morte se acerca da cabeceira do leito do meu filho! Esperam-me os feridos! Não são elles tambem meus filhos? Durante varios dias me tenho descuidado delles: sinto chamarem-me! Por momentos comprehendo que a prova é por demais dura, que a minha razão vacilla. Todos teem direito ao meu auxilio e ainda o mais humilde pode acercar-se do meu coração.

Mandam-me flôres, muitas flôres! Estão esparsas no chão, abandonadas na mesa, nas jarras; o ambiente está impregnado de seu perfume.

Que significação teem todas essas flôres? Ser-me-iam enviadas num dia de alegria ou num dia... de morte?

Colho-as nos meus braços e apressadamente as levo junto ás camas dos feridos. Os minutos são contados... o meu filho sente a morte... o éco de sua chamada persegue-me, mas ha tantas camas, tantas... Poderei chegar até á ultima? Que dizem os feridos quando se inclinam para beijar-me a mão? Não posso distinguir claramente os seus rostos, pois os meus olhos estão arrazados de lagrimas. Não posso perceber as suas palavras, impede-o o bater violento do meu coração. Que sussurram em voz baixa? Um nome corre de bocca em bocca: *Myrcea, Myrcea!* Imploram a saude do meu filho... que entretanto está morrendo... Ignoraes que está morrendo?... Esta verdade terrivel faz comprimir o meu coração... e cubro de flôres cada leito num accesso de devoção sepultuaria como se as flôres fossem mortalha dos mortos.

❧

Myrcea descança, terminou a sua luta. Myrcea entrou no reino da Paz. Myrcea morreu! A camara de dôr está silenciosa, os queixumes são sómente recordação do passado, calafrios de terror neste mundo. Para elle esses estremecimentos acabaram.

Expirou como a chamma debil que vacilla e depois se apaga. Nem um grito, apenas um suspiro. Estava exhausto, com a saúde vencida. Era um combatente por demais jovem e Deus lhe concedeu terminar assim como se apaga uma chammazinha... assim que Deus lhe permittiu morrer.

Myrcea morreu no dia de defuntos.

Cáem as neves, o Céu chora lagrimas de pena, densa neblina cobre a terra, qual manto de dôr...

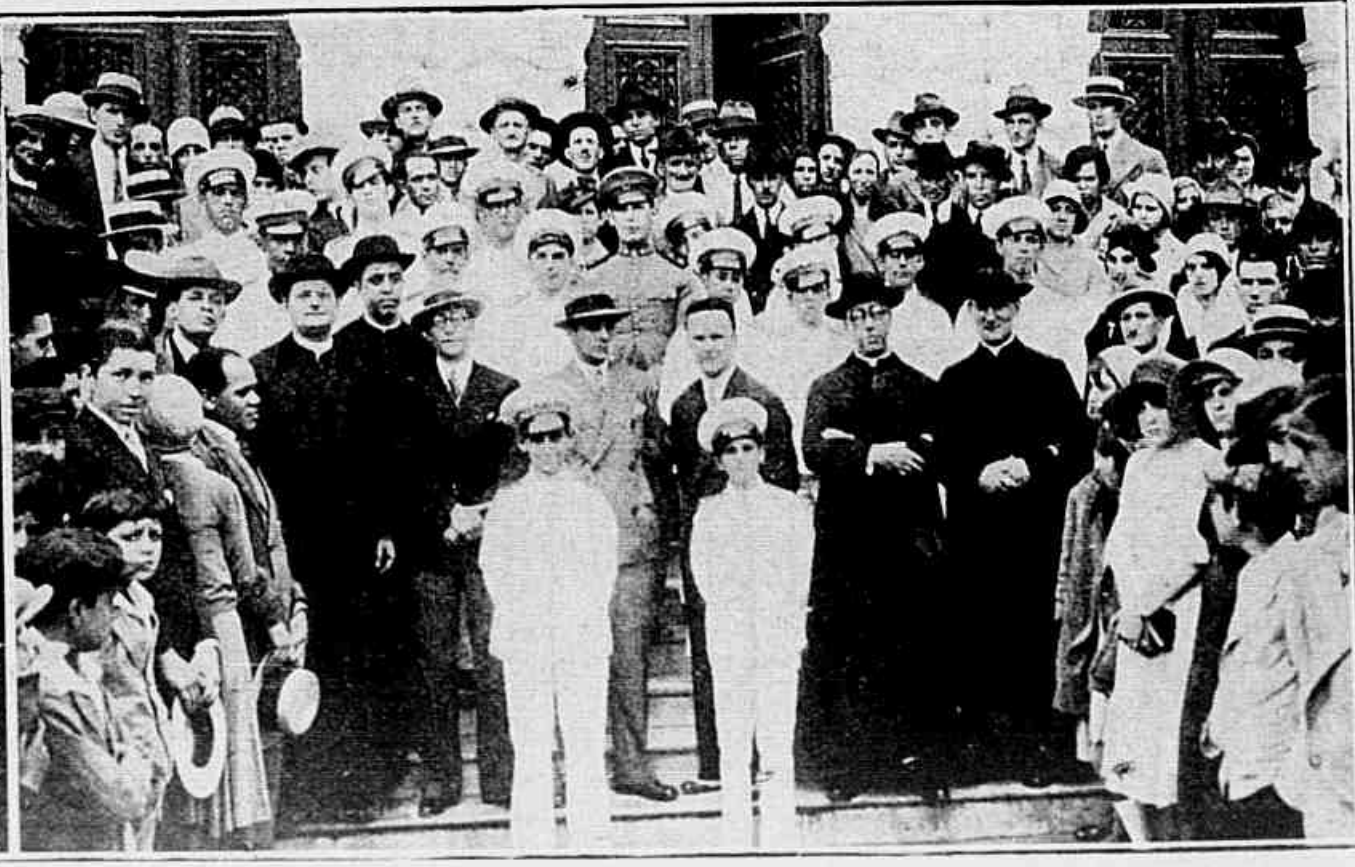
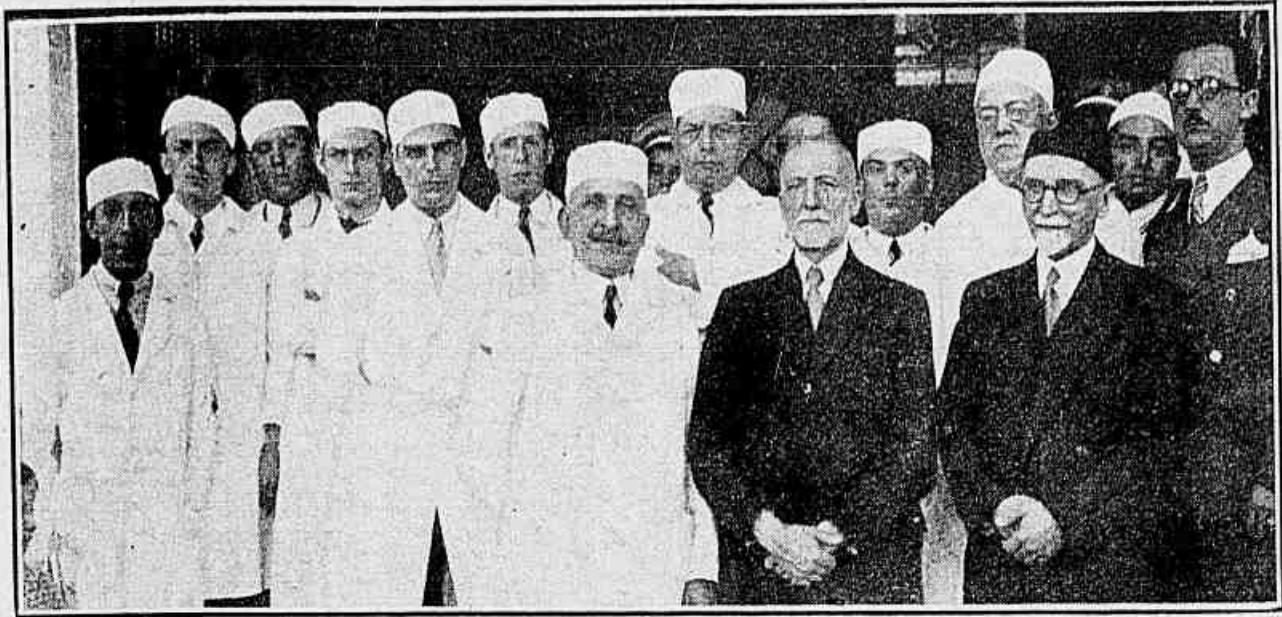
E' o dia de defuntos. A alma de Myrcea voou para o Céu...

Cáem as neves, o Céu chora lagrimas de pena, densa neblina cobre a terra qual manto de dôr...

Tudo terminou... fecharam o seu sepulcro, tampa pesada cobre seu corpo, os cirios se apagaram, calaram os canticos solemnes, murcharam as flôres e a escuridão invadiu o templo.

Tudo terminou. Nem as rezas, nem as lagrimas, nem a dôr, nem o desespero podem

Grupo de graciosas *tennistas* do Grajahú Club.

VISITA DOS COLLEGIAES SALESIANOS A PETROPOLIS

Grupo feito em frente da Prefeitura de Petropolis, por occasião da visita dos alumnos do Collegio Salesiano de Nictheroy á linda cidade serrana, onde se vê o prefeito local entre os professores e collegiaes excursionistas; e á esquerda, um suggestivo aspecto da homenagem prestada á memoria de Pedro II, deante da estatua do soberano patriarchal situada na praça que tem o seu nome, um dos mais bellos trechos da cidade que vive de sua recordação e o tem como brazão indelevel.

O professor Rozer em visita á Assistencia á Infancia. Vê-se, ao centro, o illustre pediatra francez ao lado do dr. Moncorvo Filho.

Aspecto da posse da nova directoria da Sociedade Brasileira de Engenheiros. Vê-se, ao centro, o dr. Pandiá Calogeras, que terminou o mandato de presidente, cercado dos novos membros eleitos.

fazer-te, Myrcea, volver a mim, meu filho! Vi como desciam o pequeno feretro para o sepulcro cheio de trevas e para que não fossem ellas tão sombrias arrojei flôres no teu tumulo... flôres niveas...

Deixei-te, amor meu, abandonei teu logar de descanso e regressei para o deserto sob o peso acabrunhador dos dias que não mais voltarão; volvo para a casa onde teu leito se acha vasio, emquanto tu, tão pequeno e só, dormes no feretro em baixo da terra. Bem sei, Myrcea, que ali só ha o teu pequeno corpo...

Não são estes momentos proprios para encerrar-se na solidão com lamentações inuteis. A minha dôr não me deve apartar da dôr dos demais, não me deve isolar do soffrimento dos outros; pelo contrario, é um novo vinculo de união entre mim e a minha Patria. A dôr, por maior que seja, não deve separar-me da minha Patria nos momentos em que ella tem maior necessidade do meu auxilio. A Patria me chama e, não obstante estar a minha alma presa da dôr, devo seguir adiante com a cruz do meu soffrimento.

Mas, para onde primeiro dirigir a minha triste mirada? Para que leito de dôr? Para que morada de soffrimento? Melhor seria ouvir vozes que não me recordem o passado, errar por aquelles logares onde Elle nunca esteve, entre faces que não o conheciam, que não estiveram perto delle na sua ultima hora e não ouviram seu pranto de angustia.

Melhor fôra vaguear com a minha ferida aberta por aquelles logares onde o pranto possa correr livremente, onde não ha vergonha em chorar...

Eis por que abandono os meus habitos diarios para ir a outros logares, levando o meu proprio tormento, por entre os mais necessitados, entre os abandonados, levando o meu coração destroçado áquelles que não necessitam de palavras, mas de caricias e bondade. Como um phantasma tenho peregrinado por todos os logares do vasto campo.

Entrava no outomno. Caminhei por valles sem vida, por fraldas de montanhas que a neve cobria, por campos desertos e a minha alma fundiu-se com a alma da Patria cuja tristeza era a mesma do meu coração...

Os lamentos dos feridos pareciam-me aquelles de meu filho desapparecido e quando me inclinava á cabeceira dos moribundos não chegava a comprehender se meu choro era o pranto pelo soffrimento delles ou a explosão da minha propria dôr?

Desses logares tetricos da dôr onde jazem os feridos voltados para a parede com o rosto desfigurado coberto de sangue, de todo o meu paiz invadido nas fronteiras, dos campos, das aldeias, das cidades, dos bosques um queixume de profundo terror se eleva da terra para o Céu...

Comprehendo que sou eu quem deve alliviar todos esses horrores e levar auxilio a todos quantos se encontram sem forças para poder resistir a tanta dôr.

Que posso fazer para a Patria, meu immenso amor? Salval-a?

Poude o meu carinho sem limites salvar a vida de meu filho?

MARIA

Rainha da Rumania

Festival do Gremio da Mocidade Libertadora Amadeo Deivo Rio Grande do Sul

Ao centro, grupo de meninas que executaram os numeros de violão, ensaiadas pela senhora d. Morgada B. Torres. *A' esquerda*, grupo de meninas que executaram o baile da *Invitation á la valse*, ensaiadas pelo maestro Raul Lagos e d. Ernestina Tavares Costa. *A' direita*, grupo de meninas que executaram o bailado *Dança Hollandeza*, ensaiadas pelo maestro Raul Lagos e d. Ernestina Tavares Costa.

A TRAGEDIA DA FRAGATA "MEDUZA"

OS DRAMAS DA VIDA REAL

Por *Armando Praviel*

Resumo da parte já publicada

No dia 17 de Junho de 1816, uma flotilha de 4 navios — *Meduza*, o *Loire*, o *Argus* e o *Echo*, partiram de França, rumo do Senegal, levando um contingente militar de 300 homens e o pessoal administrativo da nova colonia do Senegal, que lhe fôra cedida pela Inglaterra.

O commando da expedição fôra confiado ao Sr. de Chaumareys, commandante da fragata *Meduza*, fidalgo que estivera por muito tempo emigrado e afastado do serviço do mar. Por isso, desde o inicio da viagem deu provas da mais alarmante incapacidade; apenas se viu em alto mar, não sabendo regular a machina da *Meduza*, abandonou o resto da esquadrilha, e chegando á Africa approximou-se de terra com tal imprudencia que encalhou no banco de Arguin. Como não havia a bordo embarcação para todos os passageiros, construiu-se uma immensa jangada na qual se amontoaram duzentos militares. Essa jangada devia ser rebocada pelas embarcações, mas estas na ancia de ganhar terra, não tardaram a abandonal-a. E o commandante Chaumareys foi o primeiro a fazel-o.

Chegando a S. Luiz, ahi encontrou os demais navios de sua esquadra e mandou-os em busca das outras embarcações que "deviam ter dado á costa".

De facto assim acontecera com todas menos a jangada e, os que nella tinham vindo, caminhavam pelo littoral, soffrendo as torturas da fome, da sêde e da fadiga, deixando mortos a cada dia. Sir Karnet, um Irlandez philanthropo, parte por terra a seu encontro.

(Continuação)

O philanthropo irlandez contava mais tarde que, no primeiro momento, ao contemplar a triste caravana do alto de seu camello tivera a impressão de um sonho allucinante. Parecia um sequito de esqueletos ou mumias. O tenente de Praviel quiz fallar-lhe, não poude e cahiu inanimado. O estado dos que vinham sob seu commando não era melhor, porquanto apenas ingeriram alguns dos alimentos que lhes foram fornecidos por sir Karnet quasi todos cahiram em deliquio ou entraram a delirar como verdadeiros loucos. Um operario italiano comeu com tal voracidade que ficou com o ventre espantosamente dilatado, não poude mais acompanhal-o e morreu no dia seguinte.

Nesse dia o tenente de Praviel partiu em camello, com um guia chamado Abdulah, afim de preparar a recepção de sua columna.

Como se devem recordar, fôra no dia 8 de julho que o tenente de Praviel desembarcára no deserto da Barbaria, não longe do cabo Merrich com uns sessenta naufragos. Apenas poz um pé em terra a esposa do sargento Grévin ajoelhou e rezou uma Ave Maria, que todos repetiram devotamente.

Estavam alli 44 soldados, cinco cabos, dous sargentos, um furriel, madame Grévin, o sr. Leichenaux, naturalista da colonia, o sr. Laboulet, pagador, ao todo 58 pessôas.

Cinco outras, o naturalista allemão Kummer e mais quatro funccionarios tinham preferido formar um grupo á parte. Caminharam durante todo o dia 7, tão extenuados e fracos que tinham constantes allucinações, vendo animaes ferozes por todos os lados... Na madrugada do dia 10, mal alimentados, sem ter encontrado agua, Karnet e sómente a 23 chegaram á ilha de S. Luiz, tendo deixado no caminho seis mortos e varios extraviados. D'esses o primeiro a reapparecer foi o naturalista allemão, que graças a seus conhecimentos de arabe se entendera bem com os mouros encontrados pelo caminho.

Graças a seus conhecimentos de arabe o naturalista Kummer se entendera bem com os mouros.

estavam tão exgottados que metade dos homens não tiveram forças para se levantar.

Ordens, appellos, tudo foi inutil.

— Fuzilem-nos, se quizerem... Não podemos mais.

Entretanto, com o nascer do sol alguns se reanimaram e retomaram a marcha. Outros ficaram alli, para morrer pouco a pouco. Só no dia 13 encontraram sir

O CALVARIO DO SARGENTO GRÉVIN

Esse sub-official já edoso trouxera em sua companhia sua esposa Clotilde, que, tendo desembarcado com elle na columna do tenente de Praviel, não poude resistir ás fadigas d'aquella marcha. Durante dois dias resistiu com heroismo, mas na madrugada de 8 declarou a seu marido que não podia mais caminhar. Em vão seu marido tentou convencel-a de que era preciso ter coragem.

— Não posso — repetia ella.

— Então — disse elle furioso, desembainhando seu sabre — como não quero ficar aqui para morrer estupidamente, nem quero que fiques para ser comida viva pelas feras ou feita escrava pelo mouros... vou matar-te.

— Sim — disse ella placidamente — Mata-me. Assim eu não soffrerei mais.

O pobre sargento comprehendeu que ella de facto estava no ultimo limite da resistencia e tentou carregal-a ás costas. Caminhou assim até um lago que avistára a certa distancia. Trabalho inutil... Essa agua era salgada.

Grévin deixou a infeliz alli deitada e dirigindo-se a um bosque proximo conseguiu colher um pouco d'agua contida em caules de flôres sylvestres e trouxe-a cuidadosamente em uma folha de bananeira.

Para que? Clotilde estava morta. O sargento ajoelhou-se junto d'ella, tão acabrunhado que esqueceu os companheiros, a distancia que elles já haviam ganhado sobre elle, o risco de ficar alli sozinho...

Foi despertado d'esse torpor já noite escura por um rugido apavorante. Instinctivamente correu para o mar e refugiou-se nas ondas. O acaso fel-o encontrar uma barrica abandonada; agarrou-se a ella e deixou-se ficar, balouçando até o romper do dia.

Um espectaculo horrendo esperava-o na praia. De sua pobre mulher só restava a cabeça. O corpo fôra devorado por leopardos.

O velho sargento, desesperado jurou:

— Tive coragem bastante para me defender da morte durante uma noite inteira, no mar... Tel-a-hei egualmente

para nunca mais me separar do que resta da creatura que mais amei neste mundo.

E, rasgando sua camisa, envolveu nella a ensanguentada cabeça; depois tendo dormido tres ou quatro horas, começou a caminhar com sua triste reliquia.

A' tardinha encontrou um grupo de mouros e foi por elles bem recolhido; mas, como sempre, revistaram-o e ao vêr o que elle trazia envolto em um panno, bradaram aos céus cheios de colera e indignação.

O sargento, porém, contou o que lhe tinha acontecido e o juramento que fizera. A' vista d'isso os mouros ainda o trataram com mais respeito. Ainda assim o infeliz só logrou chegar a S. Luiz um mez depois, tão magro e mudado que não houve quem o reconhecesse. Mas continúa a trazer pendurado á cintura um estranho volume envolvido em um panno sordido de côr indifinivel.

Levaram-o para um hospital onde, ao fim de dez dias falleceu de febre infecciosa, e exgottamento.

Fizeram-lhe a ultima vontade. Sepultaram-o com a cabeça de sua esposa, que nunca quizera abandonar.

PESADELOS E MIRAGENS

Como já vimos, apenas chegado a S. Luiz, o Sr. de Chaumareys multiplicou as providencias em busca da chalupa e dos botes; mas não deu ordem alguma com relação á jangada e os officiaes de seu estado maior diziam abrutamente.

— E' pena, não ha duvida... Abandonar assim tantos soldados e passageiros no meio do Oceano... Mas que fazer? Elles, ao menos, a esta hora, já morreram todos. Estão melhor do que nós, que não sabemos ainda como acabará tudo isto.

Era um meio demasiadamente facil de se consolar, porque a verdade é que, contra toda os prognosticos, a jangada não fôra a pique e continuava a vogar sob o sol implacavel, levando o mais hediondo quadro de miseria e ferocidade humanas.

A principio ninguem acreditou que o alto commando os houvesse abandonado. Por isso, o primeiro dia se passou em relativa calma. Tres homens assumiram o governo da jangada: o aspirante Coudin, que ferido em uma perna não se podia mover, o geographo Correard, homem de espirito fraco e indeciso, e o cirurgião Savigny, energico mas brutal, e responsavel pelas medidas de crueldade que se seguiram.

Os viveres a bordo limitavam-se a seis barris de vinho, duas barricas de agua, uns vinte quartos de farinha e duas caixas de biscoutos, molhados pelo mar.

Esses biscoutos foram consumidos no mesmo dia. Instrumentos para navegação, nenhum; nem sequer uma bussola. Apezar d'isso Sevigny mandou armar um mastro com um vela contando guiar-se pelo sol. Mas a forma da jangada impossibilitava qualquer navegação regular e o enorme tablado gyrava sobre si mesmo quasi sem sahir do logar.

Nessas condições seria loucura ter a esperança de alcançar o littoral. O que todos esperavam é que os demais navios da esquadra, prevenidos pelos botes, não tardariam a vir procural-os. Essa confiança parecia tão razoavel que ninguem pensou em economisar os viveres. Tratava-se no maximo de algumas horas de espera.

O soldado negro foi o primeiro que cedeu ao desejo de comer carne de suas victimas.

Ora, a noite foi pessima. O mar agitou-se furioso; os infelizes agarrados uns aos outros sobre uma plataforma, que enchiam quasi completamente, açoutados por ondas enormes, urravam de pavor e cerca de dez foram tragados pelo mar.

Ao amanhecer estavam todos a tal ponto exhaustos que muitos deliravam presa de allucinações, julgando vêr a *Meduza* voltar, eu vêr a terra a dous passos da jangada. Dous grumetes e o padeiro de bordo, cegos por essa miragem, atiraram-se ao mar.

COMO ANIMAES SELVAGENS

O dia seguinte foi o que deu inicio aos máus pensamentos.

Vinte homens tinham já desapparecido arrastados pelas ondas e alguns suicidios augmentaram essa funebre lista; mas, a despeito d'essas baixas, o numero ainda excessivo sobre a jangada tornava a vida de todos tão penosa e precaria que surgiu no cerebro dos mais fortes e mais armados a ideia de sacrificar os mais fracos para assegurar a salvação dos restantes.

A tragedia teve inicio na noite de 7 para 8 de Julho e prolongou-se por varios dias, entre um grupo de officiaes, sub-officiaes, funccionarios e marinheiros, e a soldadesca. Sobre essa luta furiosa e sem piedade só existe um documento, o relatorio redigido por Correard e Savigny, que não puderam negar a brutalidade monstruosa e sanguinaria dos factos mas os attribuiram a causas das quaes, infelizmente, não ha prova alguma.

O que se sabe, ao certo, é que a noite começou ainda peior do que a precedente. O Oceano estava ainda mais agitado; a jangada, levada pelo vento, ia em direcção do littoral mas com taes sobresaltos que, a cada instante, os passageiros eram atirados ao soalho.

No meio d'esse horror — diz o relatorio — alguns soldados, tendo-se embriagado, resolveram pôr termo a seus tormentos destruindo a jangada para — diziam elles — "morrermos todos de uma vez." Um d'elles, um homem herculeo, conseguiu apoderar-se de um machado de abordagem e começou a cortar as cordas que prendiam os madeiros uns aos outros. Um official intimou-o a deter-se e, como não fosse obedecido, abateu-o a golpes de sabre.

Será exacto que o massacre tivesse tal inicio? Correard e Savigny affirmaram que, para vingar seu companheiro, os outros soldados atacaram os officiaes que, reunindo-se no centro da jangada, apoiados pelos marinheiros e officiaes defenderam-se e, mais bem armados, fizeram verdadeiro massacre entre os assaltantes que como feras insistiam em accomettel-os.

Por fim os soldados se retiraram para uma extremidade da jangada e, mais furiosos do que nunca, recomeçam a tarefa infernal de destruir a embarcação.

Foi preciso então atacal-os, e isso suscitou novo morticinio.

Cerca de meia noite todo esse furor amainou, com a rendição da soldadesca. Mas pouco depois a luta recomeçou e Davigny dirigiu-a em pessôa berrando:

— Mata! Mata toda essa canalha. Não se perdôa a vida a nenhum!

Ao romper do dia houve nova calma, porque sessenta e cinco soldados haviam sido mortos. Os demais imploravam misericordia e os proprios vencedores pareciam cansados de matar.

A situação dos sobreviventes não era melhor. Durante o combate, dous barris de vinho tinham corrido para o mar juntamente com as duas barricas de agua.

Uma só esperança restava a de alcançar terra; mas o mar parecia sem fim.

O SUPPLICIO DA FOME

Alimento não restava mais. Os mais desesperados tentaram enganar a fome mastigando correias, pedaços de panno. Outros tentaram pescar. Tudo em vão.

E no dia 7 começaram a devorar os mortos. Foi, ao que parece, o soldado negro João Carlos, quem, primeiro, cedeu ao desejo de cortar um pedaço de carne de uma de suas victimas e devoral-o. Seu exemplo não tardou a ser seguido e, como a carne crúa repugnava mesmo aos mais esfaimados, lembraram-se de seccal-a ao sol.

Durante esse dia, que foi radioso e bello, praticou-se na jangada da Meduza a mais monstruosa xarqueada. Todo o taboado da embarcação luzia de sangue como o cepo de um açougue. Os officiaes não se atreveram a protestar e mantiveram-se a um canto, sem participar d'esses horrores.

Na manhã do dia 8 porém, tendo encontrado um pequeno sacco de polvora, os soldados conseguiram armar uma fogueira dentro de um barril e começaram a assar carne humana. Então, os proprios officiaes cederam á fome e acceitaram o convite que a soldadesca lhes fazia. E, quando, consumido o proprio barril, não foi mais possivel ter fogo todos devoraram carne crúa.

Entretanto o numero de passageiros continuava a diminuir. A madrugada do dia 9 encontrou mais 12 homens mortos na jangada. Mortos como? De que? O relatorio não o diz. Teria Savigny iniciado já o regimen que manteve durante mais tres dias e que consistia em desembaraçar a jangada de todos quantos lhe pareciam incapazes de sobreviver?

Isso explicaria o ultimo sobresalto de revolta, que se produziu na noite seguinte.

O dia 9 foi perturbado apenas pela crise de um soldado, que enlouqueceu e acabou por se atirar ao mar. Mas á noite os massacres recomeçaram.

Para explical-os, os sobreviventes disseram, mais tarde, que os soldados ainda existentes a bordo, se revoltaram mais uma vez e tentaram matal-os.

Quando o brigue appareceu á vista da jangada, os sobreviventes mal tinham forças para um movimento.

A jangada da fragata "Meduza"

Tinham como chefe um sargento piemontez que captára a confiança de seus officiaes e por isso podia fornecer viveres occultamente a seus cumplices, afim de mantel-os com o vigor necessario. Os soldados negros tinham-o persuadido de que a terra estava muito proxima e elles lhe dariam todas as garantias na Africa; mas para isso exigiam o massacre dos officiaes e o saque de todos os passageiros, afim de lhes arrancar o dinheiro e joias que trouxessem. Essa conspiração fôra descoberta pelos marinheiros, que a denunciaram a Coudin.

Eis porque se haviam exercido tão implacaveis represalias.

Seria tudo isso verdade? Nunca foi possivel apural-o. Os factos comprovados são os seguintes.

Ao cahir da noite, dous soldados, surprehendidos roubando vinho num tonel, foram immediatamente condemnados á morte e atirados ao mar. Por quem? Provavelmente por ordem de Savigny que, tendo como guarda-costas o herculeo soldado negro João Carlos, arvorara-se juiz e carrasco.

Essas execuções summarias revoltaram os soldados; um d'elles, tirando do cinto uma faca, atirou-se contra os officiaes. Os marinheiros agarraram-o, desarmaram-o e atiraram-o ao mar. Isso ainda mais irritou a soldadesca e, para dominal-a, foi preciso matar mais quatro e ferir dez.

No dia 10 de Julho havia sobre a jangada apenas umas trinta creaturas vivas. Mas em que estado! Metade estava já na agonia; um grumete de 12 annos morreu logo ao amanhecer; os outros jaziam sem forças, com os pés e as pernas carcomidos pela agua do mar, cobertos de contusões ou ferimentos que, irritados pelo sol, arrancavam-lhe gritos de dor ao menor movimento. E, sobre essa jangada de supplicio, o mesmo sol radiante e devorador!

A' tarde os mais validos reuniram-se para deliberar. O carpinteiro Lavillette declarou e jurou perante o tribunal que, nessa especie de conselho, Savigny e dous tenentes do batalhão da Africa, tendo já organisado systematicamaente o massacre de seus proprios soldados, resolveram completar a obra.

— Restam-nos— disse um d'elles— doze peixes e vinho para quatro dias. Ha na jangada pelo menos 15 homens que não podem ter esperança de cura nem de durar muitos dias. Nada mais poderá salval-os. Portanto, a providencia que se impõe é supprimil-os em beneficio dos que ainda podem ter salvação.

O soldado negro e tres marinheiros encarregaram-se da sinistra tarefa. Tentaram, em primeiro logar, matar Lavillette; porém este, que tudo ouvira, estava alerta. Quando dous marinheiros se approximaram d'elle disfarçadamente, empunhou um sabre que occultara a seu lado e, sendo o primeiro a atacar, teve a vantagem da surpreza e matou-os ambos.

Diante d'essa attitude resoluta e brava, Savigny e seus companheiros comprometteram-se a respeitar-lhe a vida se passasse para seu lado e os ajudasse a eliminar os doze condemnados. Lavillette jurou que recusaria prestar-se a isso; mas, em todo o caso, não mais o atacaram.

Os outros continuaram na execução de seu plano e massacraram todos os que não se podiam defender. Terminada essa monstruosidade, fieis ao juramento que haviam feito antes, atiraram ao mar todas as armas. Não se mataria mais ninguem.

Com excepção do negro João Carlos, ninguem mais restava do batalhão da Africa. Havia agora na jangada apenas 15 pessôas: o capitão Dupont, o tenente Lheureux, os sub-tenentes Lozade e Clairet, o commissario Griffon, o aspirante Coudin, o cirurgião Savigny, o engenheiro Correard, o sargento Charlot, o canhoneiro Coustade, o carpinteiro Lavillette, o marinheiro Coste, o piloto Thomas e o enfermeiro François.

OS QUINZE SOBREVIVENTES

Os dias que se seguiram, após tantos pavores, parecem monotonos. De que se alimentaram os ultimos passageiros durante esse tempo? Não é difficil adivinhal-o por que o navio salvador ainda encontrou cadaveres conservados a bordo.

No dia 17 partilharam a ultima ração de vinho. A' tarde appareceu á vista o brigue *Argus* que, não contando mais encontrar a jangada, andava á procura da fragata. Recolheu os desgraçados e levou-os para S. Luiz onde chegaram no dia 19.

Um destino terrivel parecia pesar sobre a expedição commandada pelo senhor de Chaumareys. Os poucos que, após tantas vicissitudes, tinham escapado ao naufragio, ao afogamento, aos horrores sem nome da jangada, á morte pela fome ou pela sêde nos areaes desertos, aos escravisamentos dos mouros, não puderam repousar em S. Luiz. Sir Burton, o commandante inglez da praça, allegando não ter recebido ordem para entregar a colonia á França, declarou não poder permittir a presença de tão grande numero de Francezes na cidade; e, embora sem se afastar da mais rigorosa cortezia, exigiu que o Sr. de Chaumareys e o coronel Schemaltz levassem sua gente para Dakar, que era então uma aldeia africana em terreno alagadiço, paludoso, terrivelmente insalubre.

Ahi a mortandade foi ainda tão grande que quando, a 25 de Janeiro, tendo afinal chegado a ordem de entrega, sir Burton procedeu á cerimonia de deixar abaixar a bandeira ingleza, do regimento francez trazido pela Meduza só restavam para lhe fazer continencia 18 homens.

O famoso quadro de *Géricault*, que se encontra no Museu do "Louvre".

O conselho de guerra condemnou o Sr. de Chaumareys á perda de seus galões e tres annos de presidio. O desgraçado não teve uma palavra ou gesto de protesto. Cumpriu a pena e depois d'isso ainda viveu 14 annos, em um emprego subalterno, na pequenina cidade de Bellac.

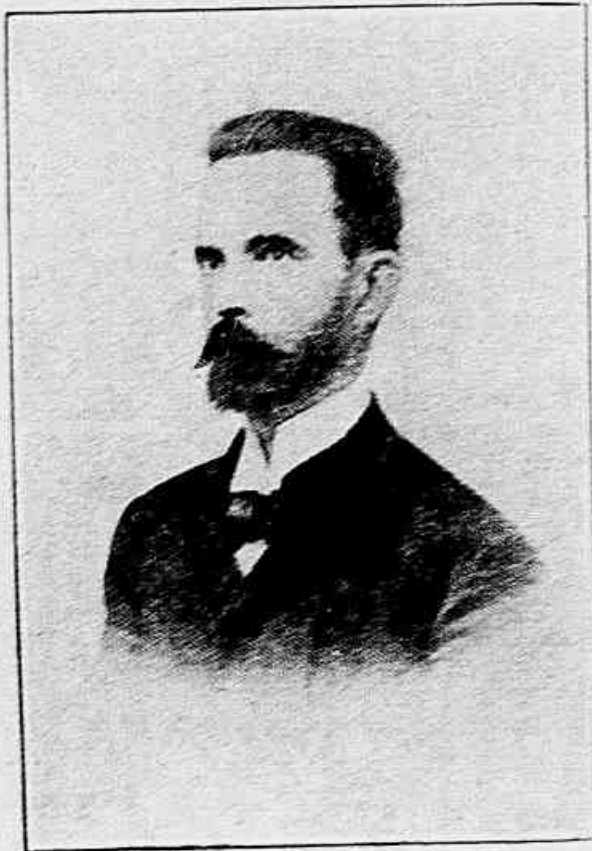
ARMAND PRAVIEL

A Festa da Arvore

A Festa da Arvore, realizada este anno, teve invulgar significação, correndo as cerimonias com o maior brilho. Vemos, á direita e á esquerda, respectivamente o sr. Getulio Vargas e o general Leite de Castro, ministro da Guerra, plantando uma arvore. Em baixo, o Chefe do Governo Provisorio, no Horto Florestal, tendo ao seu lado o ministro da Guerra e o ministro Assis Brasil e altos funccionarios do Ministerio da Agricultura.

INSEPARAVEIS por Escragnolle Doria

VISITAR necropoles equivale a receber grandes lições mudas de humildade, dadas sobretudo áquelles que no ex inchado julgam o orbe terraqueo só elaborado para satisfação eterna de caprichos.

Visitar o tumulo dos bons, dos prestantes, dos sacrificados, de quantos nos forneceram exemplos dignos — é crêl-os um pouco ressuscitaveis pela saudade antes do promettido valle de Josaphat e do dia annunciado pelas vozes terriveis do *Dies Irae*.

Raymundo Corrêa — (1860 - 1911).

No cemiterio carioca de S. Francisco Xavier descansa um bom, um prestante, após vida exemplar. Tudo isso só, não: tambem um poeta cuja lyrica é de flôr nas anthologias da poesia nacional.

Transponde o limiar do cemiterio de S. Francisco Xavier, adito dos que vão desapparecer da terra; caminhae pela ampla alameda central ladeada de jazigos, marcos de aviso ao transeunte. Ide até quasi ao fundo da necropole onde alto cruzeiro de granito se eleva lembrando na nudez o Crucificado Sublime. Tomae á esquerda e, n'uma ponta de quadra mortuaria, encontrareis um tumulo. Sobre elle este nome:

RAYMUNDO CORRÊA.

Ao lado outro tumulo, em cima d'elle outro nome:

GUIMARÃES PASSOS.

Dois trazidos da terra franceza, onde morreram, para o sólo brasileiro onde viveram.

Ha vinte annos certos desapparecia Raymundo Corrêa cuja existencia tão bem resumiu ensaio critico-biographico de um d'esses solitarios estudiosos de provincia, o padre Francisco Maria de Siqueira, applicando talento e cultura para alumiar não pequeno numero de gente.

Raymundo Corrêa nascia no Maranhão, em 1860, a bordo de navio nacional, o "S. Luiz", na ancoragem da bahia de Magunça. Vinha ao mundo em data, vinte oito annos depois, de outro berço, o da liberdade dos escravos: 13 de Maio. "Sou um homem sem patria, nasci no Oceano", disse Raymundo Corrêa chasqueando de si mesmo.

No Collegio de Pedro II, Raymundo Corrêa estirou nome no registo de matriculas: Raymundo de S. Luiz de Azevedo Corrêa. S. Luiz era o nome do navio no qual elle nascera ao prospecto do Maranhão e, por coincidencia, de S. Luiz seria a terra onde o poeta exhalaria ultimo alento, a França, patria do rei das ultimas cruzadas.

Tendo passado pelo tradicional Collegio de Pedro II, o antigo seminario de S. Joaquim, Raymundo Corrêa passaria pela não menos tradicional Faculdade de Direito de S. Paulo, no antigo convento de S. Francisco.

Formado em Direito, em 1882, começou seguindo carreira paterna, a magistratura. Entrou na promotoria publica de S. João da Barra, cidade fluminense por tantos confundida com outra localidade do Estado do Rio, a Barra de S. João, em cuja necropole, unidos, repousam Casimiro de Abreu e o pae, no silencio eterno, não longe do som eterno das vozes do oceano.

Depois da promotoria de S. João da Barra, teve Raymundo Corrêa outra promotoria, em S. João do Principe, localidade tambem fluminense, promovido a juiz municipal em Vassouras, um momento secretario da presidencia da provincia do Rio de Janeiro no fim do Imperio. Depois a Republica, depois a nomeação jamais effectiva para juiz de direito da comarca maranhense de Turyassú. No mesmo cargo serviu Raymundo Corrêa em S. Gonçalo do Sapucahy, sul de Minas, onde em parte compoz "Alleluias". De S. Gonçalo levou-o destino a Ouro Preto, ahi Raymundo Corrêa iniciando carreira de professor de Direito e director de Secretaria. De Ouro Preto passaria a Lisbôa, por breve tempo secretario de legação, para regressar ao Brasil, então vice-director e professor no Gymnasio Fluminense, afinal pretor no Rio de Janeiro e juiz de direito, retornado á primeira profissão.

Sempre tivemos Raymundo Corrêa á vista de amizade. Um dos raros escriptos d'elle em prosa nos é generosamente consagrado. Retribuimos-lhe amor com saudade, um pouco afastados do proloquio amor com amor se paga, embóra amor acostumado a casar com saudade.

D. Marianna de Abreu Sodré Corrêa, a esposa de Raymundo Corrêa.

No lar foi onde mais viveu Raymundo Corrêa, o poeta, o juiz, principiando por ser o juiz rigoroso de si mesmo. Ao lar o prendiam a esposa, d. Marianna de Abreu Sodré, que a intimidade ensinara a tratar por d. Zinha, e tres filhas, Lavinia, Stella e Alexandrina. Chamou-as o pae, em verso, as "suas virtudes theologaes" — tomando para elle Lavinia a forma da Fé, Stella a da Esperança, Alexandrina a da Caridade. A pobre Esperança cedo morreria, fechando olhos sobre filhos pequenos na orphandade.

Costume é chamar bagagem litteraria a somma de escriptos de um autor: a de Raymundo Corrêa pesa em preciosidades.

Academico de direito em S. Paulo, por volta de 1879, trouxe a publico livro de estréa, de titulo proprio para jovem de dezenove annos: "Primeiros Sonhos". Era mais um poeta a revelar-se na Faculdade paulista onde Alvares de Azevedo fizera resôar a "Lyra dos Vinte Annos", onde Fagundes Varella aparelhara estro para a fama, onde Castro Alves obrigara a critica a comparar-lhe o vôo das suas poesias ao do condor pairante sobre os Andes.

Depois dos "Primeiros Sonhos" veiu para o poeta a formatura. Um anno depois d'ella, surgiam as "Symphonias", quasi duzentas paginas impressas por conta de livraria afamada na época, 1883, ella ponto de literatos, a livraria Faro e Lino, na rua do Ouvidor, um dos socios da loja publicista Lino de Assumpção.

Os versos dos "Primeiros Sonhos" datavam do tempo de estudos preparatorios de Raymundo Corrêa. O volume das "Symphonias" consagrou um poeta e, como do livro dous sonetos — "As Pombas" e "Mal Secreto" — fossem obras-primas, logo encontraram detractores, adiantando até accusação de plagio. Para um Aristarcho dez Zoilos.

O poeta continuou se aperfeiçoando. Tres annos e pouco depois das "Symphonias", o seu primeiro laurel, pedia segundo ao publico com a apresentação de "Versos e Versões" — livro sahido dos prélos da caprichosa typographia Moreira Maximino & Cia. rival da Casa Leuzinger em edições de esmero, assim a "Innocencia" de Taunay e o "Conde Lopo" de Alvares de Azevedo.

Tres annos de silencio seguiram-se á publicação dos "Versos e Versões" para o apparecimento, em 1891, das "Alleluias" prefaciadas por Affonso Celso Junior, como as "Symphonias" o haviam sido por Machado de Assis.

Quando em Lisbôa, secretario de legação, Raymundo Corrêa, ceifador de si mesmo, entrou pela seára de sua obra. N'ella respigou versos para um volume de "Poesias". Da auto-anthologia excluiu os versos dos "Primeiros Sonhos". A nenhum deu o *dignus est intrare*, talvez o homem feito severo demais com a sua mocidade, desdenhando-lhe primicias de talento. Não é isso caso unico. Até se consultassem o outono talvez não fosse muito favoravel á primavera.

Juiz criminal sempre applicou Raymundo Corrêa os apices da lei, procurando abrandal-os na piedade incessante pelos réus. Julgando a sua propria obra ainda foi juiz rigoroso; mas, como a pedir desculpas aos fructos excluidos do seu talento, nas "Poesias" introduziu alguns ineditos.

A' saude espiritual não correspondeu em Raymundo Corrêa a corporea. Nervoso como os mais nervosos, vibratil como os que mais o são, Raymundo tinha especial ogeriza pelo algarismo 13 e pelas trovoadas, ogeriza esta tambem de Cesar.

Mas para lhe velar sobre a saúde, para dissipar constantes apprehensões, ahi estava sempre a esposa, a companheira que no altar lhe promettera dedicação, desdobrando-a annos e annos.

Foi d. Zinha a sombra do marido, a sombra voluntariamente apagada do seu viver, a enfermeira moral de seus pezares. Em 1911 partia Raymundo Corrêa com a familia para a Europa, em busca de mais saude e de menos desalento, acompanhado de perto pela participante "em tudo dos seus sentimentos e do seu coração" como declarou Raymundo referindo-se á mulher.

A viagem á Europa era segunda: a primeira acabara de livral-o do beriberi contrahido em Ouro Preto, sabido quanto é favoravel á cura da enfermidade a mudança de clima.

Como em 1897, Raymundo em 1911 partia doente para a Europa. Ahi espaireceu e de regresso da Suissa, cuja natureza apreciou bastante, tomou aposentos em Paris, na rua Miromesnil. Pouco depois os amigos de Raymundo Corrêa na capital franceza recebiam telegraphicamente triste nova, a da sua morte.

Acabara Raymundo de desempacotar jornaes brasileiros, lia um d'elles quando a uremia o assaltou, para fazel-o soffrer um pouco e dar-lhe o muito da morte bem junto da esposa. Coube a esta a missão de fechar os olhos que tantas vezes a tinham fitado, buscando consolo ou dizendo-lhe enlevo.

Quem na Europa fallece em hotel, sanatorio ou pensão é logo afastado para que hospedes de todo o genero se não queixem ou impressionem. Talvez aqui já vá succedendo o mesmo n'esses arranha-céus que como architectura são cousa nenhuma e como vida de lar nada. Poupando solo amontoam seres humanos, arrogando-se o direito de riso diante das sardinhas em lata.

Após noite de vigilia, teve o cadaver de Raymundo Corrêa de ser transportado para a igreja de Santo Agostinho onde permaneceu até 20 de Setembro. Na manhã d'esse dia, na capella do Coração de Jesus, do templo, foi rezada missa de corpo presente, o pobre corpo encerrado em triplice esquife.

Alguns patricios acompanharam as cerimonias funebres, entre elles Medeiros e Albuquerque. Com elle deixámos Raymundo Corrêa na terra franceza do Cemiterio Parisiense, cuja administração o mandou collocar, porque até a morte tem burocracia, na 31.ª divisão, 1.ª linha, n. 68.

Na necropole já se desfazia Guimarães Passos. Medeiros e Albuquerque, uma irmã, hoje a senhora Egas de Mendonça, e nós fomos dar presença e pensamento ao tumulo do Guima.

A igreja de Santo Agostinho, em Paris, de onde sahiu o feretro de Raymundo Corrêa.

Um decennio transcorreu, durante o qual d. Zinha, a viuva de Raymundo Corrêa, consagrou-lhe dez annos de saudades de todos os dias.

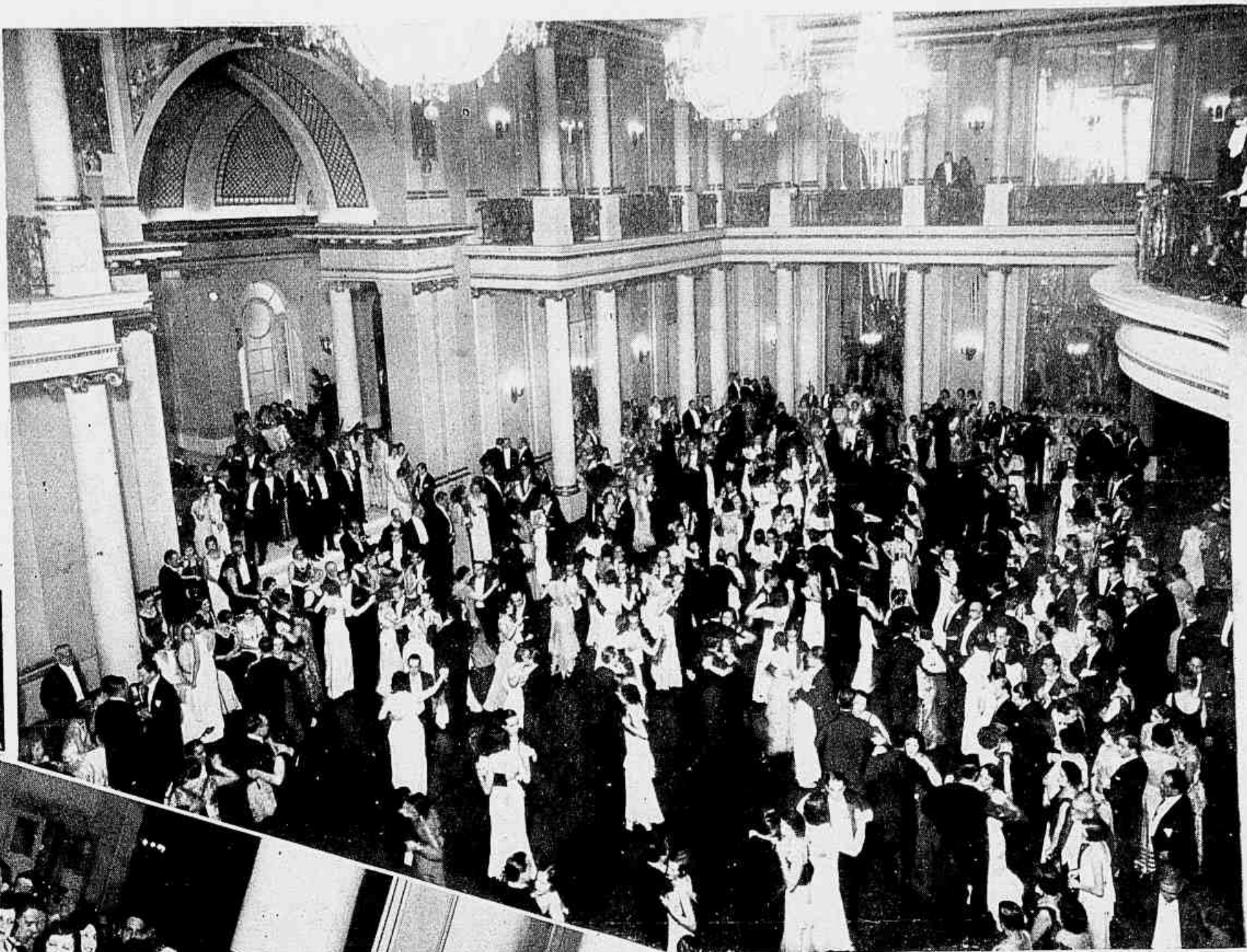
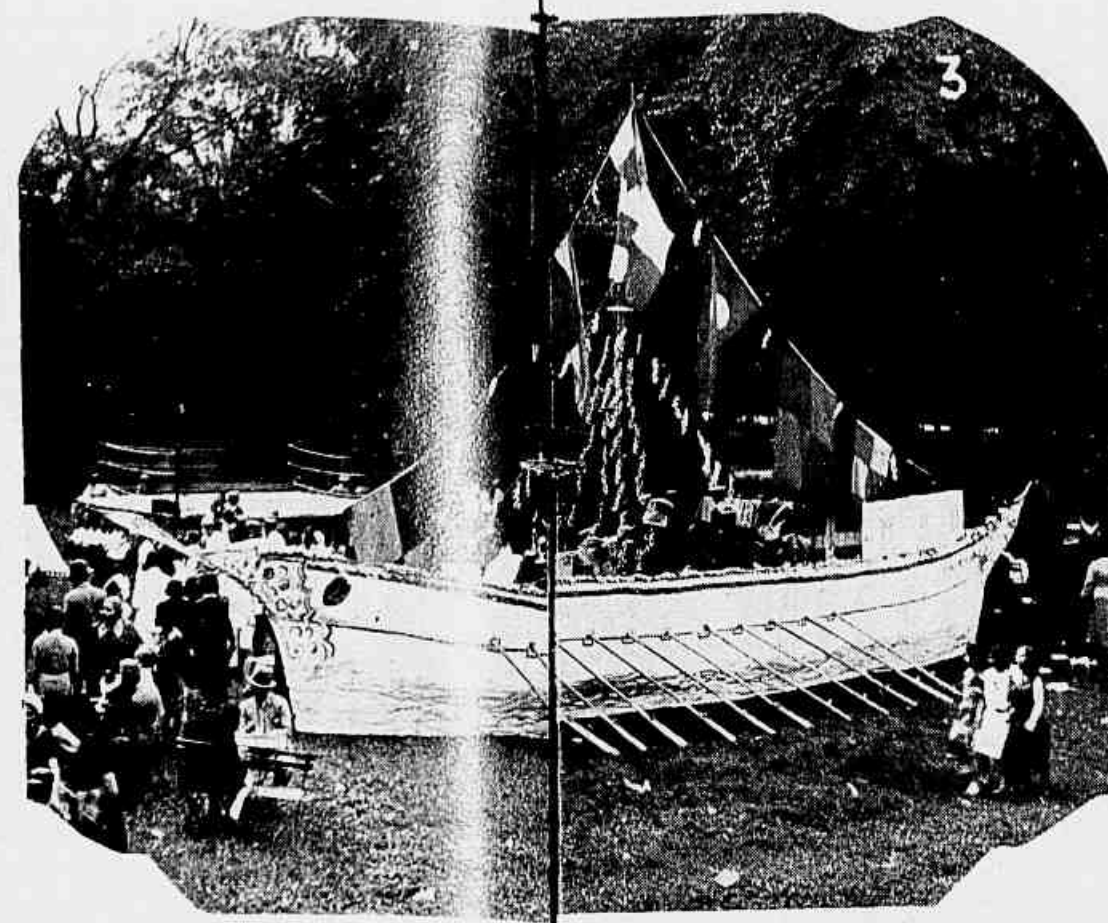
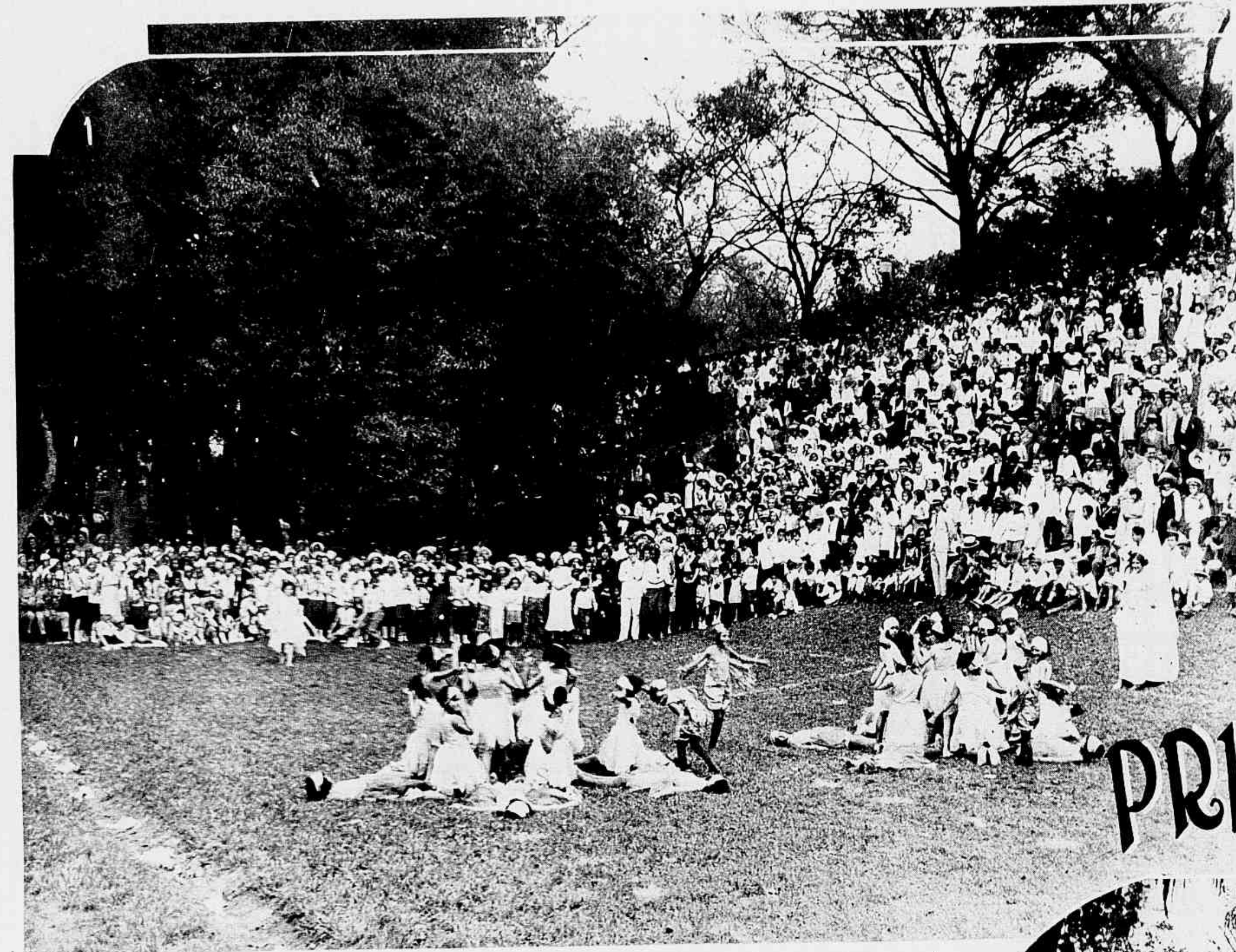
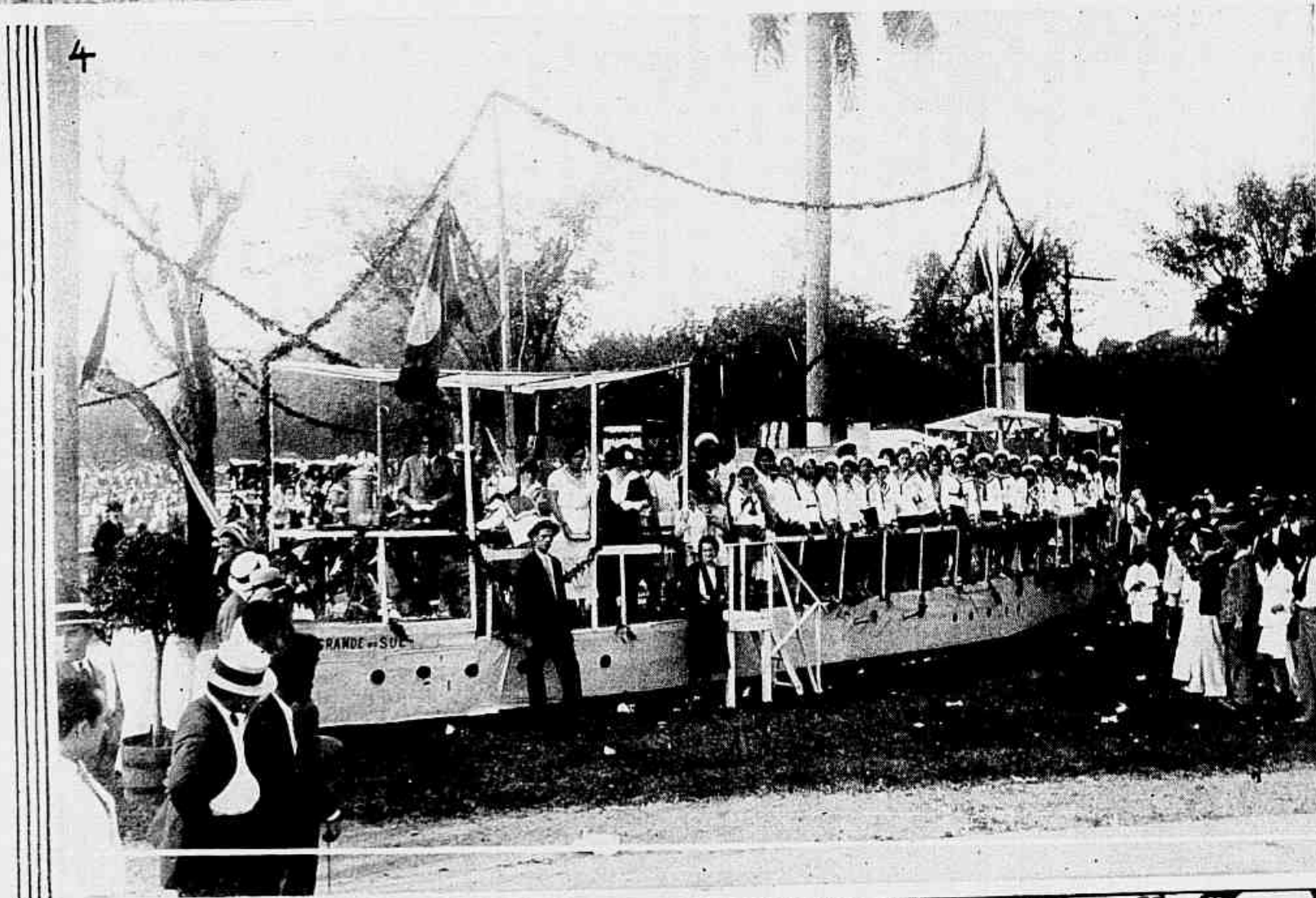
Cuidando da memoria do marido, coração a dentro, não se descuidou d. Zinha de honrar-lhe exteriormente o talento contribuindo para a quarta edição das "Poesias" de Raymundo Corrêa.

Sahido o livro a lume de impressa, distribuiu os exemplares que lhe couberam na edição pelos amigos mais do peito do marido, com expressiva dedicatoria. Ainda a relê um que a acompanhara em noite infausta na hora amarga da perda do ente estremecido.

Acabaram os restos mortaes de Raymundo Corrêa e de Guimarães Passos obtendo leito em terra patria, trazidos para o Rio de Janeiro e postos em dois tumulos, lado a lado, no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Reabriu-se a morada ultima de Raymundo Corrêa, para receber a companheira de sua vida de lar, vinda a juntar-se para sempre ao conjuge. Fechou-se o carneiro, correu-se de novo sobre elle pedra marmore onde se lê apenas: RAYMUNDO CORRÊA. A esposa ficou na sombra da morte como fôra na luz da vida — inseparavel, fiel, discreta — discretamente.

Escragnolle Doria

O BAILE DE ANNIVERSARIO DO AUTOMOVEL CLUB

Os majestosos salões do Automovel Club, commemorando o anniversario de sua fundação, abriram-se, no sabbado ultimo, para gaudio e encanto da nossa alta sociedade, num baile magnifico, que marcou uma das grandes etapas de triumpho e fulgor na chronica da nossa vida elegante. Flôres, *toilettes* ricas e primorosas, rythmos de orchestra e risos de alegria, no friso hellenico das dansas modernas, que desenham a esculptura viva dos corpos por milagre dynamico da musica vertiginosa deste seculo agil e estridente, tudo contribuiu para transformar aquelle magico recinto numa das mil e uma noites cariocas.

MOCIDADE PRIMAVERA DA VIDA!...

No scenario amplo e soberbo da Quinta da Bôa Vista, dentro daquella paisagem historica e empolgante, onde, no dealbar da nacionalidade, correu feliz a infancia dos principes e floriu a mocidade dos Braganças que nos governaram no Imperio, foi celebrada, no domingo, a esplendida festa de nossa juventude escolar, para o culto e louvor da Primavera. E sob o duplo encanto primaveril no ambiente e na alma, arvores e creanças, flôres e sorrisos se confundiam, numa fusão de rythmos e gorjeios, cantos e coloridos, como si nesse dia symbolico, florisse a alma do Brasil!

As nossas gravuras representam:

1 — Gracioso bailado das flôres e das fadas.
2 — O interessante numero das bonecas.
3 — A galera que deu uma nota de grande encanto á festa.
4 — O *scout* Rio Grande do Sul em secco...
5 — Bailado da primavera num amphitheatro natural da paisagem.
6 — Futuros athletas que tomaram parte nos numeros sportivos do festival.
7 — Lindo grupo de jardineiros, formado pelos alumnos da Escola Nilo Peçanha.
8 — Um aspecto geral da Quinta durante a festa primaveril.
9 — Grupo de galantes creanças depois de um bailado.

CARTAZ

As nossas asas sobre os Andes

O *raid* de confraternisação pan-americana já venceu a sua etapa maior e o seu maior obstaculo, no vôo magnifico de Buenos Aires a Santiago, transpondo a barreira cyclopica dos Andes, ante-mural do Continente.

Alejandro Lerroux, ministro do Exterior da Hespanha e actual presidente da Liga das Nações, que teve decisiva influencia na solução do conflicto sino-japonez.

O "Duque de Caxias", tripulado por tres aviadores do nosso Exercito, está, assim, com o seu cruzeiro pelas capitaes latino-americanas, realizando uma allegoria de nossa ideologia politica, de concordia continental, expandindo o sentimento fraterno de nosso povo.

O grandioso monumento depois da retirada dos andaimes, e cuja inauguração se dará a 12 do corrente, começando amanhã o programma das festas que celebrarão a Semana de Christo Redemptor, com a representação de todo o clero brasileiro e dos catholicos do paiz inteiro.

E' a primeira vez que asas brasileiras se foram por sobre as neves eternas da Cordilheira, *habitat* dos condores, que são, na phrase de um escriptor, o signo alado da America.

O Brasil, berço da aviação, "patria das asas humanas", exulta com o surto triumphal desses tres filhos, que, neste momento, estão dignificando a terra de Santos Dumont, traçando no céo americano a mais bella pagina de nosso idealismo.

Ministro Oswaldo Aranha, presidente da Commissão de Correição Administrativa, composta ainda do major Tavora e commandante Ary Parreiras.

O dr. Corrêa e Castro, director da Carteira Cambial do Banco do Brasil, cujo nome está em fóco pela repercussão da quebra do padrão-ouro da libra em nosso mercado, como executor das medidas determinadas pelo ministro da Fazenda, e cujo afastamento do Banco do Brasil foi agora pedido ao governo pela Commissão de Correição Administrativa.

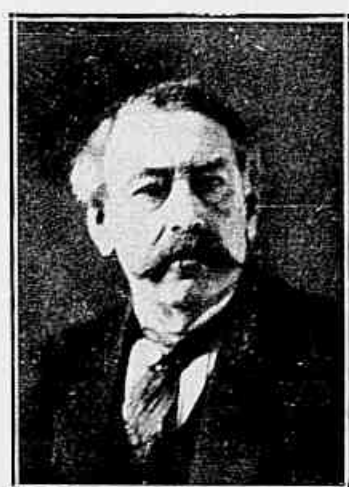
O "Duque de Caxias".

General Miguel Costa, que promoveu e presidiu o Congresso da Legião Revolucionaria, de S. Paulo, do qual surgiu o programma de um grande partido politico de idéas avançadas.

A paz do mundo

A formidavel crise economico-financeira que, neste momento, ameaça os proprios fundamentos da civilização christã, está promovendo, por instincto de conservação, a união de todos os povos. A calamidade que põe em perigo a ordem social estabelecida, tem servido para avisar aos estadistas e responsaveis dos destinos da humanidade que só a paz, sem a vertigem dos armamentos, e uma melhor distribuição da riqueza poderão operar o milagre de normalizar e salvar o mundo.

A visita de Laval e Briand, presidente do Conselho de Ministros da França e ministro do Exterior, a Berlim, é um facto transcendente, que se reveste de importancia capital, porque, sendo, depois de meio seculo, a primeira vez que membros do governo francez vão officialmente á Allemanha, representa um auspicioso acontecimento na politica internacional, capaz de iniciar um entendimento entre os dois paizes, que, até aqui, a guerra, o odio e o sentimento de *revanche* hão separado e preparado um ambiente propicio a tornar instavel o equilibrio europeu.

As palavras de Laval, proferidas na capital germanica, dão um tom historico a esse gesto cordealissimo, declarando que a approximação franco-allemã é o primeiro passo para a salvação do mundo.

Aristides Briand.

O Do-X, no porto de Nova-York, onde vem sendo agora objecto de um sequestro, original, motivado pelo facto de um engenheiro norte-americano ter allegado prioridade no invento da collocação dos motores sobre asas. Isso, ha 15 annos...

Coronel Julião Esteves, que assumiu automaticamente o cargo de Interventor Federal do Districto em substituição ao dr. Adolpho Bergamini, afastado desse cargo por solicitação de uma das commissões de Syndicancia a que está sujeito.

Sejam essas palavras de tão elevado espirito conciliador e de tamanha significação politica um penhor seguro de que as duas grandes nações européas se estendem as mãos, para salvar-se do naufragio que a todos ameaça, encerrando o dom profetico de uma realidade, que trará enorme beneficio para todos os povos.

Gloria a Deus nas alturas e paz na Terra, aos homens de bôa vontade!

O urologista dr. Jesuino de Albuquerque, que acaba de ser eleito para a Academia Nacional de Medicina.

Mr. Mac Donald, em expressiva caricatura de Damesón e cuja personalidade vem sendo posta em fóco pelos acontecimentos da Inglaterra. O chefe do governo inglez está sob a ameaça das novas eleições geraes e da propalada opposição de Lloyd George, chefe do partido Liberal.

Dr. Domingo Mendez Capote, que chefiou a revolução cubana contra o Presidente Machado.

O prato da semana

Sir Otto Niemeyer, que veiu de Londres, no começo deste anno formidavel, para nos iniciar nos mysterios da sciencia financeira, fazendo, depois de longo exame, um relatorio sensacional, em que nos preconizou o Banco Central de Reserva, para chegarmos ao padrão-ouro, chave de seu systema perfeito — o sisudo, mas amavel technico inglez, deve estar a estas horas convencidissimo de que as suas theorias falharam e de que os seus conselhos só poderão ser seguidos pelos habitantes da Lua, porque no nosso mundo a economia politica é agora a lei mais precaria, si é que os selenitas estejam tambem como nós lutando com a crise da super-producção e tenham, por sua vez, milhões de sem-trabalho...

A Inglaterra, patria de *sir* Otto Niemeyer, rigido paladino dos bancos orthodoxos, que ora se converteram em paradoxos deliciosos (Ninguem é propheta em sua terra...), a grave, a conservadora Inglaterra acaba de alijar-se do padrão-ouro, que é, para os paizes deste seculo, o sonho dos alchimistas judeus, que governam o mundo, já quasi imaginario, das cifras...

Façamos do dinheiro apenas a relação entre povos e individuos do trabalho, unico ouro real da vida, moeda divina que estabelece o rythmo do equilibrio social.

Libras, dollares, francos, tudo isso não é senão um symbolo da unica riqueza humana — o suor do trabalho, cujas bagas são as perolas de nosso verdadeiro thesouro.

Sir Otto Niemeyer pertence a um numero de estes retardatarios, que não sentem que o mundo está nascendo de novo...

S. DE N.

Sir Montagu Norman, governador do Banco de Inglaterra e, por effeito de seu cargo, um dos pró-homens da grave situação financeira que empolga todos os paizes, como reflexo do abalo soffrido com a depreciação da libra.

A Bolsa de Londres, um dos thermometros das finanças do mundo e centro irradiador dos negocios da Inglaterra, onde a baixa da libra em relação ao dollar e franco, as duas moedas mais valorizadas do momento, tem se registrado de modo alarmante.

Sr. A. Melon, secretario do Thesouro dos Estados Unidos, banqueiro, summidade das finanças mundiaes e uma das maiores fortunas do paiz que tem quasi todo o ouro do globo.

A gravura ao lado representa uma das paisagens typicas dos canaes de Alagôas: a agua tranquilla, levemente arrufada, sombria e triste, espelhando as sombras trémulas de coqueiros, flabellando ao vento as suas palmas preguiçosas...

A' margem — uma casa rustica, umas mangueiras cheias de sombras e passarinhos enchendo o ar de murmurios e o chão de folhas seccas; embarcações descansando da pesca do sururú; as velas dormindo na calmaria, fatigadas dos ventos dos canaes; coqueiros, debruçados sobre a agua, ao lado da casinha pequenina...; pescadores e creanças, e tédio, sombra, tristeza, monotonia de uma terra que Deus esqueceu...

Ahi pelo Brasil afóra, quantas paisagens, como essa, bonitas e tristes! O Brasil é assim...

(Photo de Ismael Accioly — Belém)

NOSSA GENTE

HA em certos brasileiros, sobremodo preoccupados com o narcisismo, uma tendencia natural para só divulgar os typos das cidades, já envernizados pela civilisação.

Trazer a publico uma figura rustica do interior, embora brasileira, brasileirissima, parece-lhes uma verdadeira affronta ao patriotismo. Ora, o Brasil não é só o almofadinha das calçadas.

E' o sertanejo, o vaqueiro, o peão, o caboclo, o caipira, o cangaceiro, o trabalhador dos campos, o boiadeiro e o seringueiro...

Essa é que é a nossa gente, a gente que trabalha pelo Brasil, bonita ou feia.

Vemos, na gravura ao lado, um carregador de bananas, em Santos. A figura póde, na verdade, não ser tomada como expressão racial ou typica.

Mas a gravura diz bem da riqueza e da fecundidade da terra...

ESPADAS

Os cadetes do Brasil vão usar o espadim copiado da espada de Caxias. Essa homenagem e esse symbolo integram a maior figura das nossas armas no exercito da Republica: Caxias, o general que nunca foi vencido, continuará no seio da tropa, como Nelson está na marinha ingleza, como está Napoleão em Saint-Cyr. O modelo do nosso soldado é Caxias, chamado com razão de "gladio da Patria". A sua espada, por isso, devia ser a dos cadetes brasileiros. Esse espadim-talisman representa um passado inteiro de honra e gloria. Reflecte-se nelle o sol de Itororó.

Espadas do Brasil!

A breve historia militar do Brasil póde resumir-se na historia cavalheiresca destes chefes, que confirmaram com a ponta da espada os limites da nação — e lhe impuzeram o prestigio entre os povos americanos. Curado, Serro Largo, Osorio, Caxias, Menna Barreto, Porto Alegre, Argollo, S. Borja, Gurjão, Polydoro, Andrade Neves... O desfile desses nomes revive o velho exercito, desde 1822, quando as forças brasileiras se levantaram contra Portugal, até ás campanhas do Uruguay e Paraguay, — o exercito da Independencia, de Passo do Rosário, de Monte Caseros, de Paysandú, dos cinco annos de luta feroz pelos charcos, pelas cochilhas e pela cordilheira paraguaya, onde ficaram oitenta ou cem mil mortos, quantos lá deixamos. Generaes envelhecidos no trato dos regimentos, cujos cabellos alvejaram no pó dos combates, guiando ás linhas de fogo os soldados intrepidos, a America do Sul não os conheceu mais generosos, valentes e marciaes, como se pertencessem a um solida geração ... guerreiros e se... vissem debaixo ... bandeiras secul... res. Por isso ... guerra do Paraguay não foi uma aspe... conquista e a guerra contra Rosas, e... 1852, passou á historia argentina com um exemplo de correcção internacional. Aquelles g... neraes do Brasil pareciam sahidos das academias ... Europa, onde os cadetes aprendiam a arte da victor... entre as sombras dos cabos immortaes.

A Espada do Brasil. E' a espada de Caxias. Essa arma rica como uma joia foi o pilar que sustentou o Imperio. (Pertence ás collecções do Instituto Historico Brasileiro).

POR PEDRO CALMO...

Espada de honra de Osorio, offerecida ao heróe de Tuyuty pelo Exercito Brasileiro. (Está depositada no Banco do Brasil.)

As suas espadas, recolhidas em parte ao Mus... Historico, são um thesouro de patriotismo artezona... em aço e bronze: não possuimos mais caras reliquia... desde que são os trophéos das guerras que ve...ceram por philantropia e os instrumentos da gloria ... de conquista, que não atrelou ao carro do triumpho ... liberdade ou a soberania d... vencidos. Pertencem á po...teridade na sua pureza de e...padas de cavalleiro... ell... brilharam á luz crua d... combates em defesa do pai...

Outro detalhe da espada de Caxias.

Não é demais juntar ... dos generaes a espada que Pedro II levava á cinta na rendição de Uruguayan... O rei-pacifico e letrado soube ser o rei-voluntari... Nunca o imperador, com a sua face austriaca orna... pela barba grisalha e austéra, foi tão brasileiro com... no dia em que declarou aos ministros a intenção de ... a todo custo para a provincia do Rio Grande invadi... pelo inimigo, e mesmo como voluntario da patri... Era o primeiro Voluntario. Em Uruguayana appa... ceu ás forças sitiantes embrulhado num poncho gaú... recamado de ouro e com o chapéo molle de volunt... rio apresilhado pelo tope nacional. O seu retrato ... vorito, nesse tempo, tinha o kepi singelo de coro... de voluntarios e ao peito da farda de official uma un... commenda, a da Ordem do Cruzeiro, precisamente ... unica condecoração que D. Pedro I, seu pae, trazia ... cêrco do Porto.

Osorio! Foi o centauro. O assomo, o impeto... temeridade: Osorio era tambem o espirito do pamp... O general do norte é Argollo. Frio, pequeno, imp... sivel, quasi insensivel, o heroe congelado em cabo...

DO BRASIL!

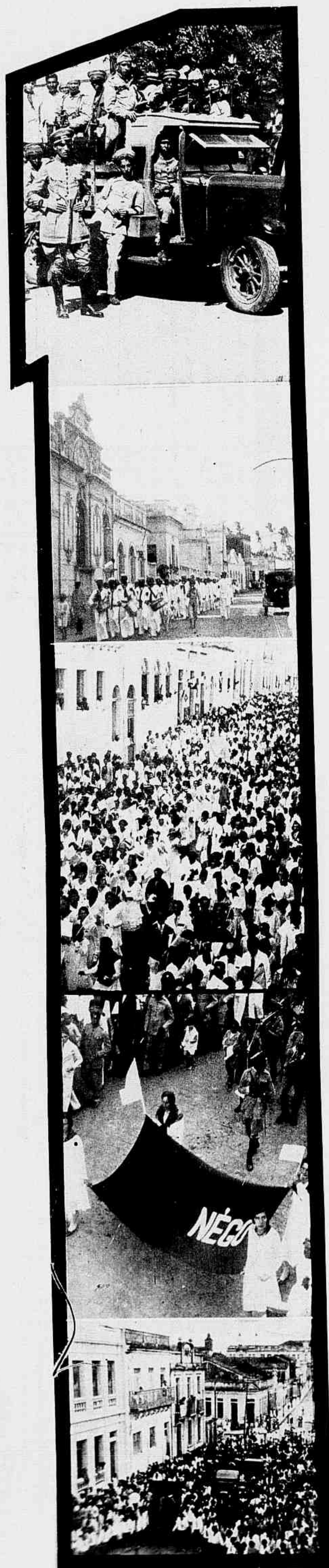
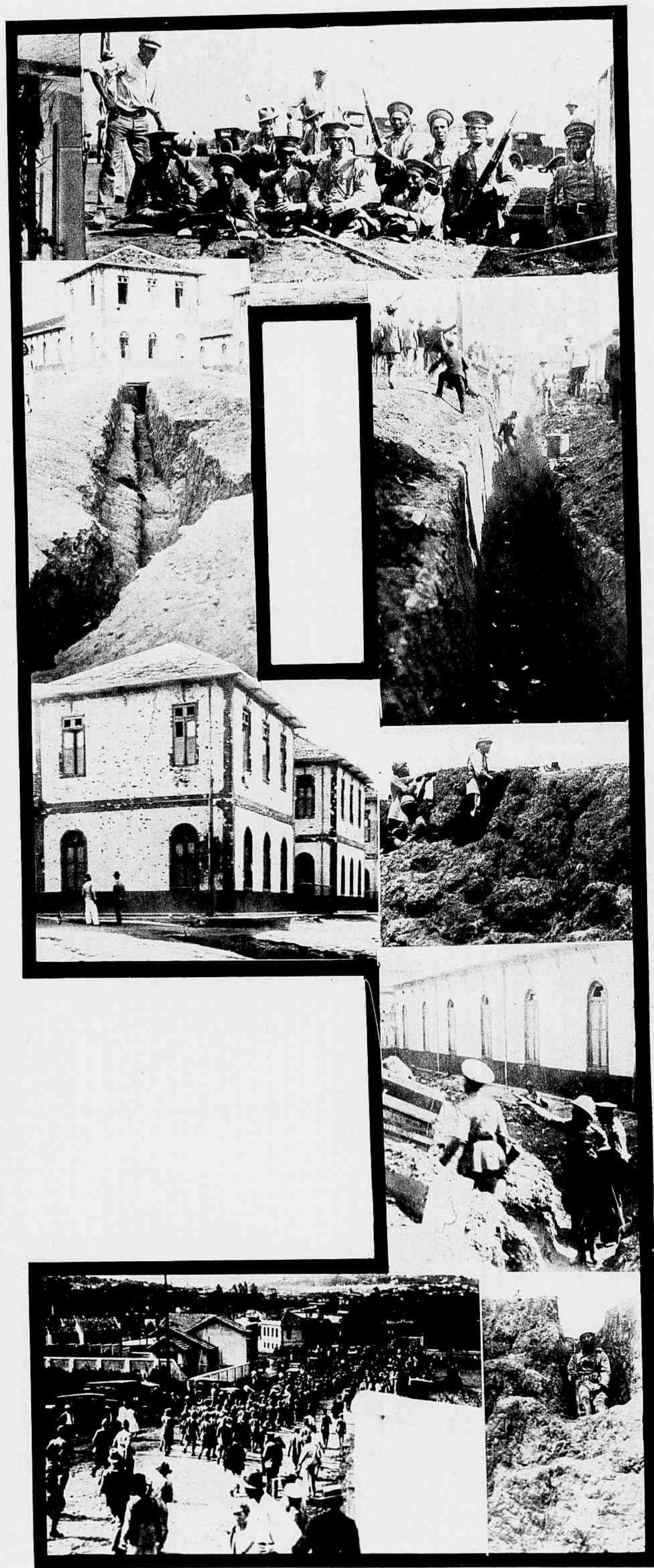
e é Gurjão, o homem da Amazonia. Pinheiro Guimarães foi o voluntario fluminense; nenhum soldado do Rio de Janeiro mais bravamente pelejou, á testa do 1.º de fuzileiros, ferido successivas vezes, sem resignar á alegria das fileiras, perseverando em morrer no campo da acção, brilhante e expansivo. O marechal Victorino foi outro typo de soldado. Era de Pernambuco. A sua carreira é um mixto de aventura e felicidade; lembra aquelles improvisados marechaes de Napoleão, que de repente destacavam na aurora da Europa o perfil moço e energico de "condottieri". Couto de Magalhães é o sabio-soldado. O grande presidente de Matto Grosso soube defender e desbravar o seu paiz: a sua espada é a de um bandeirante illustrado a quem a guerra surprehendesse em pleno sertanismo. O soldado-estadista foi Jeronymo Francisco Coelho, um dos mais perfeitos ministros da guerra do Brasil. O seu sabre de honra, vazado no molde arabe, tem o punho precioso dos sabres napoleonicos, feitos para as cargas de Kellermann e Murat. A organização militar do Imperio permittiu-nos vencer facilmente os poderosos adversarios e constituia uma das melhores peças do Estado. A nossa escola militar rivalizava com as primeiras do tempo e os nossos artilheiros iam em missão ensinar ao Paraguay a arte do tiro. Aqui estudavam, aos grupos, os jovens militares dos paizes visinhos, attrahidos pela superioridade do ensino, que preparava para a patria os officiaes cultos, de espirito geometrico e idealismo philosophico, que eram em 1889 os dirigentes intellectuaes do exercito. Jeronymo Francisco Coelho deu a essa obra a maior parte da sua vida: os engenheiros militares do Brasil, artistas do triumpho, nas campanhas da monarchia, fizeram-se á sua imagem.

O sabre anonymo dos couraceiros da Independencia, dos cavallarianos de Bento Manuel, dos esquadrões de Andrade Neves, aquelle sabre recurvo e solido de mameluco de Kléber que sacudiu fóra das fronteiras nacionaes o invasor estrangeiro — tem um logar proprio entre as espadas symbolicas. As velhas milicias eram o povo em armas. Brotavam do chão como as legiões de Pompeu, só se extinguiam no fogo como os quadrados de Waterloo. O Brasil descansou nellas a sua soberania — e permaneceu integro, através de quatro guerras, emquanto sob os seus estandartes o pequeno "sabreur" fazendo com o cavallo um só corpo, deu alma e sentimento ao seu duro sabre de "rabo de gallo". Agora, que o prestigio da cavallaria cede á efficiencia infernal das outras armas e a machina supplanta o homem, despojando a guerra dos seus aspectos romanticos, aquelle nervoso cavalleiro das guerrilhas, dos reconhecimentos, das cargas, que surgiu á luz da historia nas sortidas do sul, repellindo hespanhóes, e jámais voltou as costas ao inimigo, ufano e fatal debaixo da metralha, vive gloriosamente na lenda e no romance. Recorta-se na tradição popular, affirma-se na poesia dos campos, eleva-se do folklore, como um soldado temerario e bello que levasse na lamina do sabre os destinos da nação. A representação fiel desse guerreiro, afoito, feroz, indomavel, movendo-se num tropel de epopéa, enrodilhado no minuano, genio das tempestades que outróra varriam, com o seu sopro rasteiro, os campos de batalha, foi José de Abreu, o invicto Serro Largo, que envelhecera vencendo e afinal um dia morreu, ás balas da infantaria, arremessando para a frente os seus piquetes envolvidos e dizimados.

O Brasil antigo, o Brasil inicial, o da conquista, da formação, do crescimento, o Brasil heroico e primitivo dos pastores que marcaram no mappa da America, com as lanças medievaes, os limites da patria, resume-se todo nessa modesta reliquia de fórma exotica, que mirrou e se cobriu de pátina numa parede de museu.

A espada dos nossos avós barbaros e invenciveis!

Pedro Calmon

Da esquerda para a direita: punho da espada de Caxias; a espada do general Gurjão, o intrepido soldado do Norte que tombou em Itororó; a espada de honra do general Couto de Magalhães, o sabio-soldado. A espada do general Victorino, barão de S. Borja, um dos maiores chefes das nossa forças no Paraguay. A espada de um marinheiro: foi do visconde de Inhaúma, o grande almirante da Passagem de Humaytá. Sabre de honra do general Jeronymo Francisco Coelho, o soldado-estadista.
Todas essas espadas, a não ser a de Caxias, pertencem ao Museu Historico Nacional.

Aspectos da Revolução, cujo inicio hoje se commemora. Ao alto, na Parahyba.

A luta em Minas, destacando-se a resistencia do 12.º R. I., cujo quartel se vê crivado de balas e rodeado de trincheiras, já do dominio das forças revolucionarias.

No Sul: tropas mobilisadas, promptas para embarcar; um avião dos revolucionarios; o Presidente Getulio Vargas a caminho do Paraná; artilharia transportada; a senhora Getulio Vargas presidindo a distribuição de viveres.

No Paraná e Santa Catharina. Varios aspectos da tropa em mobilisação para a fronteira paulista, a pé, de caminhão e de trem. Ao alto, o Presidente Getulio Vargas, ao ser homenageado com um chimarrão em sua passagem pelo Paraná.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Aspecto da recepção offerecida pela Legação da Dinamarca, em homenagem ao anniversario de S. M. o Rei Christiano X.

O eclipse

A principal nota da semana foi puramente celestial: o eclipse total da Lua, verificado no sabbado ultimo, para gaudio do povo carioca, que teve, assim, uma aula pratica de astronomia pittoresca.

Para o publico leigo, leitor do suave Flammarion, esse espectaculo foi tão interessante como um filme ao natural que se desenrolasse na tela fluida do espaço.

Toda a cidade ficou de nariz para o ar, acompanhando, com attento enlevo, o phenomeno caprichoso, em que o nosso poetico satéllite, por uma garridice bem feminina, brincou de esconder, com todo o seu encanto de melindrosa, que tem derriço pelo Sol...

Ao cair da noite, a Lua foi obscurecendo até que, chegado um momento, desappareceu de todo, como si fosse uma libra esterlina quasi riscada da cotação cambial.

Nós, cariocas, que temos o mil réis anemico, vimos o jogo da linda moeda de ouro por um oculo... e até mesmo a olho nú, mas longe, luzindo entre nuvens, fóra do nosso alcance.

E, por uma consequencia da crise que atormenta o mundo, fizemos, sem querer, a psychologia dos eclipses.

Almoço offerecido ao maestro Francisco Braga, que se vê sentado ao centro, tendo á sua esquerda o professor Aloysio de Castro.

Pode-se ficar millionario assignando a "Revista da Semana"

Como é nossa antiga praxe, mais uma vez interessamos os nossos assignantes na *Grande Loteria do Natal, de Hespanha.*

Adquirimos em Madrid e depositámos no Banco Hispano-Americano dessa capital dois bilhetes inteiros. Cada bilhete inteiro é dividido por mil assignaturas, e a importancia que por sorte coubér nesse bilhete será distribuida integralmente pelos mil assignantes, como já temos feito, de harmonia com o plano annualmente publicado.

Alguns leitores já teem sido contemplados com pequenos premios. E ainda o anno passado foi premiado o bilhete da 2.ª Série n.º 21764, com DEZ MIL PEZETAS, ou sejam 10:000$000, que integralmente entregámos aos assignantes concorrentes á série contemplada.

A esse bilhete premiado coube a centena de um premio que fez millionario o seu possuidor.

¿ Quem sabe se este anno será premiado com um dos grandes premios alguma das séries, hoje abertas, de mil assignaturas cada uma e cujos numeros dos bilhetes são

ASSIGNATURA POR UM ANNO 63$000, CUJA IMPORTANCIA PODERA' SER ENVIADA EM CHEQUE OU VALE POSTAL.

Ill.mo Sr.
Redactor artistico da "Revista"
Respeitosos cumprimentos.

Como artista brasileiro, embora dos mais modestos, peço venia para levar á "Revista da Semana" os meus mais effusivos cumprimentos pela nota concisa e bôa do seu ultimo numero, em defesa da Arte nacional.

Ernesto Quissak

Guaratinguetá 15-de Setembro de 1931

Razão tinha a REVISTA DA SEMANA ao escrever a nota com que fez acompanhar a pagina dedicada ao Salão revolucionario deste anno. Combatido de todas as fórmas e tendo perdido a natural gravidade das coisas de arte para degenerar numa feira caricata de humorismo, onde até uma sala de pintor modernista passou a se chamar "nada além de 2$000", o Salão cahiu, e com elle o seu arrojado director, professor Lucio Costa. Para provar a repulsa que tal certamen provocou nos meios artisticos, entre muitas, publicamos a carta acima, assás reveladora do estado de espirito do nosso publico, felizmente ainda inspirado nos mesmos principios eternos de Arte e Belleza, que nos levarem a commentar o Salão deste anno com tanto constrangimento e pezar...

As festas da intelligencia

O almoço em homenagem ao jornalista Austregesilo de Athayde, realizado na sexta-feira, com que os seus collegas e amigos simultaneamente manifestaram o regosijo pelo seu anniversario natalicio e pelo regresso dos Estados Unidos, onde foi em missão especial, como redactor d'*O Jornal*, alcançando um exito que sobremodo nos desvanece. Esse agape foi bem uma festa da intelligencia.

A' mesa, em fórma de U, sentaram-se cerca de oitenta pessôas de todos os matizes sociaes, predominando os seus confrades do jornalismo, destacando-se o prof. Gilberto Amado, que o saudou, offerecendo-lhe o almoço; o prof. Antonio Austregesilo, membro da Academia Brasileira, drs. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Gabriel Bernardes e Saboia de Medeiros, director e redactor-principal d'*O Jornal*, Nobrega da Cunha e Figueiredo Pimentel, directores do *Diario de Noticias*, Dupuy de Lome e Henrique Hasslocher, representantes de *La Prensa* e de *La Nacion* de Buenos Aires, sr. Rice, gerente geral da *Panair* no Brasil, e innumeros escriptores e jornalistas, estando a REVISTA DA SEMANA presente na pessôa de seu director Aureliano Machado.

Grupo dos que tomaram parte no almoço offerecido aos juristas argentinos pelos seus collegas brasileiros, vendo-se sentados o dr. Marcello Alvear, ex-presidente da Argentina, entre os drs. Astolpho Rezende, presidente do Instituto dos Advogados, e Zeferino de Faria, vice-presidente do Conselho da Ordem dos Advogados Brasileiros e drs. Honorio Pueyrredon, Mario Guido, Abdulio Siri e Francisco Albarracin, Justo de Moraes, Miranda Jordão, Pinto Lima e Arnaldo Medeiros; e de pé, entre as demais pessoas, o dr. Rodrigo Octavio Filho, presidente do Rotary Club.

Grupo feito antes de ser servido o almoço, vendo-se, ao fundo, no logar de honra, o dr. Austregesilo de Athayde entre o professor Gilberto Amado e o dr. Herbert Moses.

O "Atlantique"

Recebemos da Companhia Sud-Atlantique um artistico album primorosamente illustrado a côres e com uma descripção pormenorisada das sumptuosas installações do grande navio *L'Atlantique*, que chegará ao nosso porto no dia 9, inaugurando as suas rapidas viagens á America do Sul. A passagem do formidavel transatlantico por esta capital, vem sendo esperada com a ansiedade dos grandes acontecimentos, estando marcadas varias festas de caridade a bordo, patrocinadas por finos elementos da nossa sociedade.

HOMENAGEM A' MEMORIA DO VISCONDE DE MORAES

Aspecto do recinto do Gabinete Portuguez de Leitura, durante a sessão funebre em homenagem á memoria do Visconde de Moraes, por iniciativa da Federação das Associações Portuguezas. A cerimonia foi iniciada com a exhibição de um *film* contendo varios detalhes dos funeraes do saudoso e benemerito titular e das principaes instituições em que a sua generosidade se fez sentir. Em vibrante e eloquente discurso o sr. Malheiro Dias fez a apologia da vida e da obra do Visconde de Moraes.

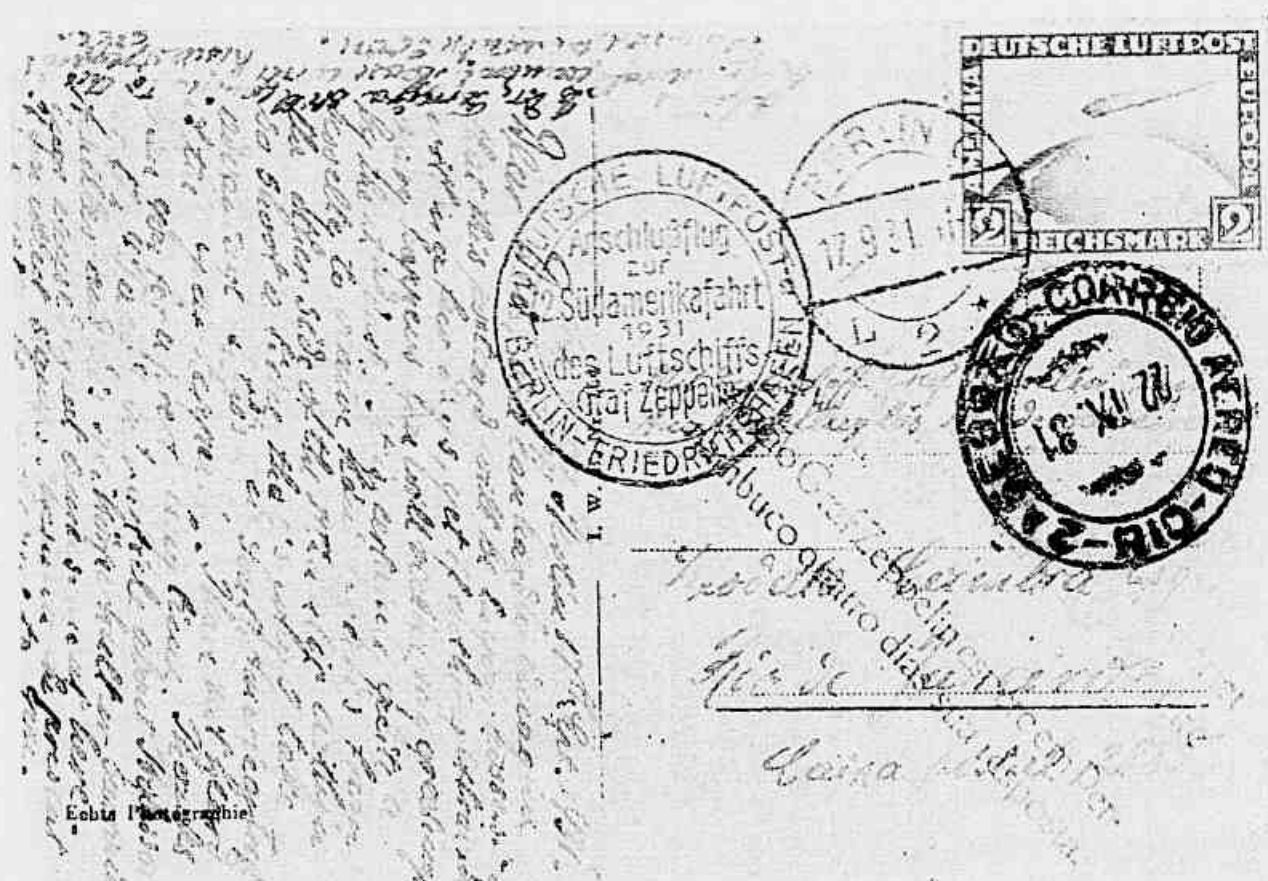
Aspecto do desembarque da conhecida escriptora senhora Iveta Ribeiro, de regresso de Portugal, onde esteve em brilhante missão intellectual, de intercambio literario-feminino.

Almoço offerecido ao general Espiridião Rosas, no Collegio Militar, por motivo da sua alta investidura na direcção desse estabelecimento de ensino. Vê-se o homenageado, em pé, de branco, tendo á sua esquerda o general Leite de Castro, ministro da Guerra; dr. José Americo, ministro da Viação, dr. Oswaldo Aranha, ministro da Justiça e general Sotero de Menezes. O almoço foi offerecido ao illustre militar por um numeroso grupo de ex-alumnos, seus ex-commandados.

Grupo formado no pateo do Hospital São João Baptista da Lagôa após o encerramento do curso de pediatria do professor Calazans Luz, que se encontra no grupo cercado pelos seus collegas drs. Luiz Faria, Gilberto Gonzaga, Romeiro e Paulo Christofaro seus collaboradores, pelo dr. Souza Figueiredo e outros medicos e doutorandos de Medicina.

Encerramento das Horas de Arte do Atlantico Club, organizadas para a estação do inverno, pela escriptora senhora Mercedes Dantas, que se vê na gravura, ao centro, entre as senhorinhas Alicinha Ricardo e Jacy Lobato, alumnas da professora Clara Korte e a senhora Maria Camargo. De pé, o professor Souza Lima e srs. M. Camargo e Pedro Cardoso Fontes.

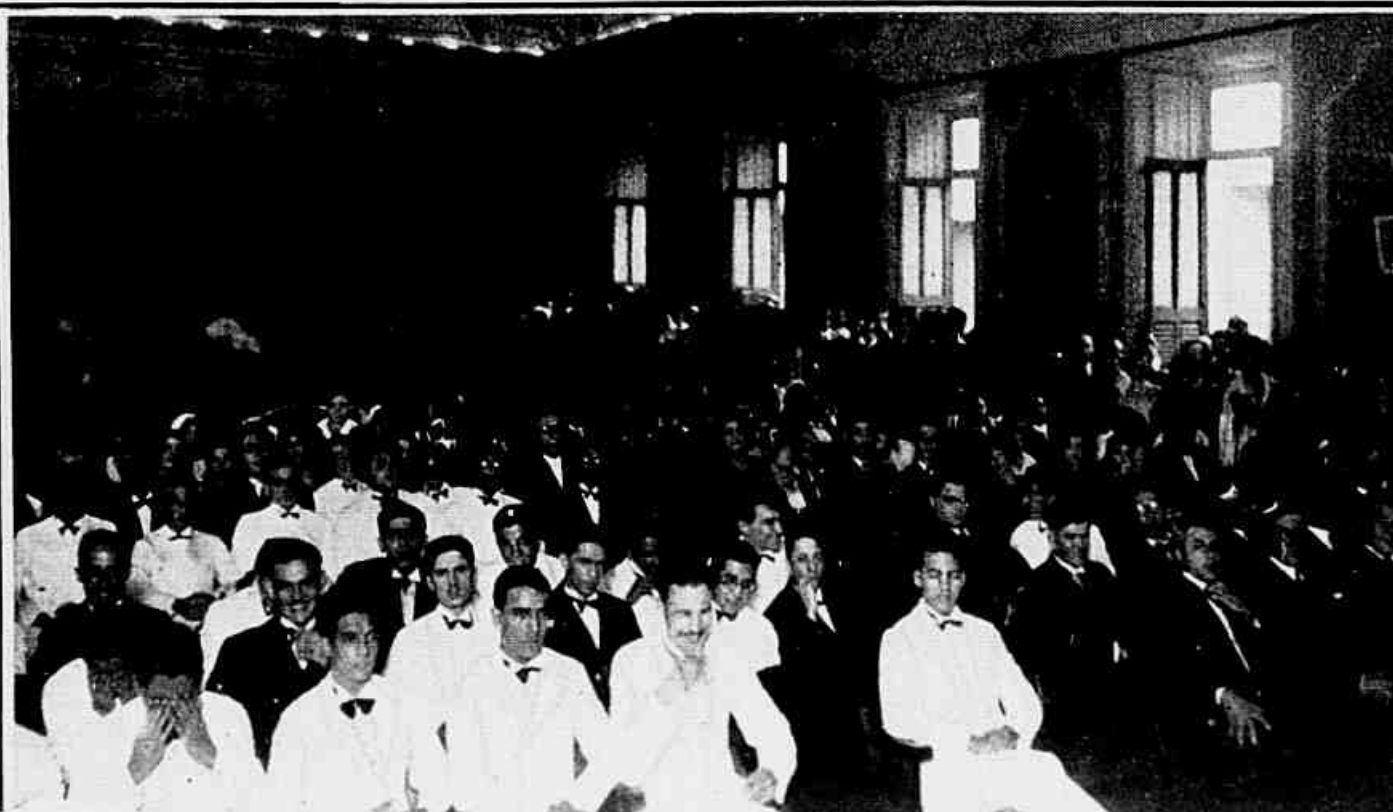
A FESTA DO THERMOMETRO

Dois expressivos flagrantes da Festa do Thermometro. A' esquerda, um aspecto da cerimonia e á direita, grupo de gentis convidadas presentes ao brilhante certamen.

Fac-simile de um postal collocado em Berlim em 17 de Setembro, na mala do correio aereo do Zeppelin e entregue no Rio a 22, quatro dias depois. No cartão, num carimbo em tinta vermelha, ha estes dizeres: "O avião Graf Zeppelin espera em Pernambuco quatro dias sua resposta". No mundo, por influxo das asas, já foi eliminada a distancia, approximando todos os povos da terra. E' que a aviação veiu realizar um milagre julgado impossivel: aboliu o atrazo da correspondencia, tornando veloz o correio...

Almoço offerecido no Jockey Club ao sr. dr. José Mendes de Oliveira Castro, por motivo da sua escolha para o cargo de Director do Banco do Brasil.

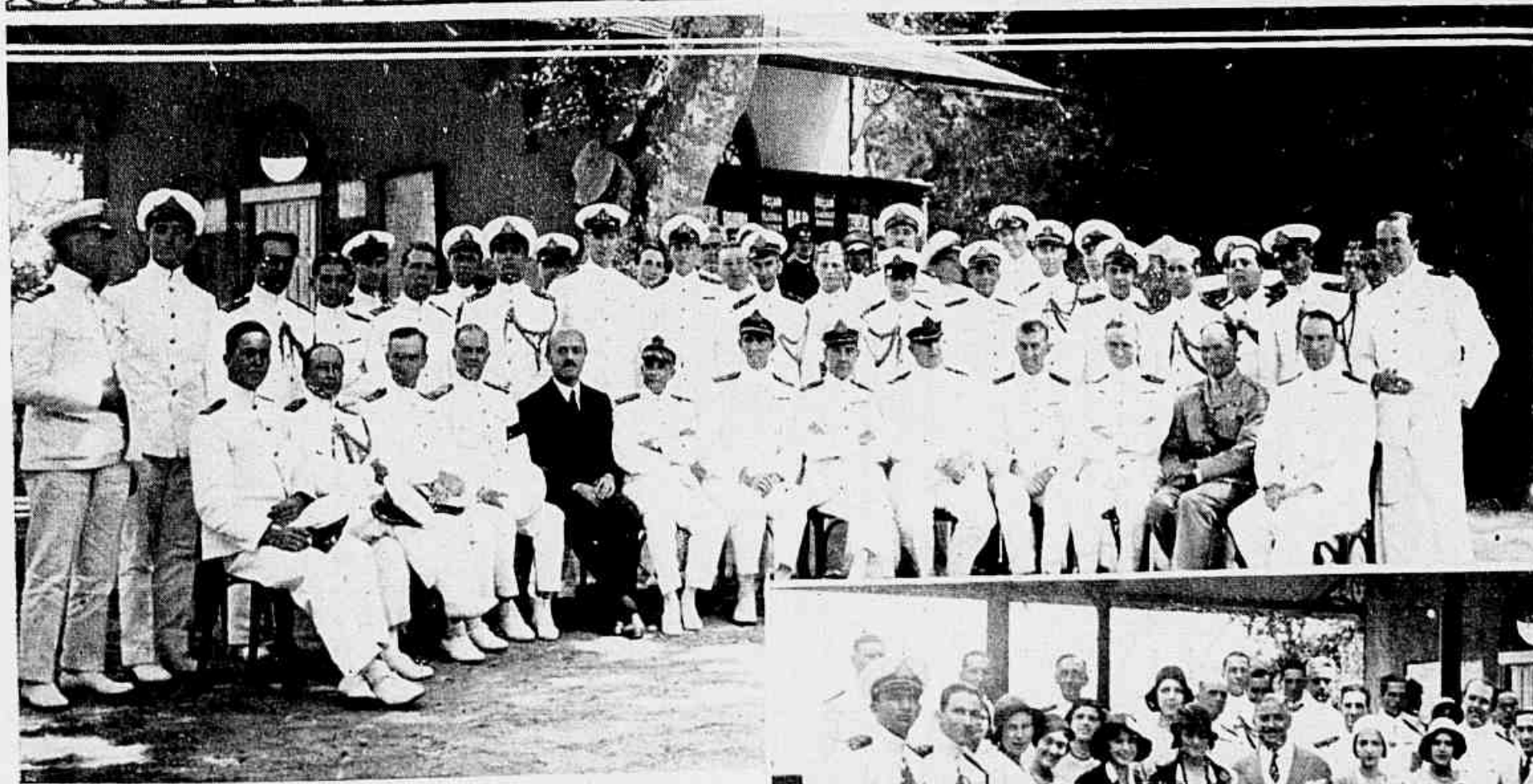
Grupo tomado na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, onde se encontra a exposição retrospectiva da obra do notavel pintor Navarro da Costa, fundador dessa instituição e o nosso maior marinhista, depois da conferencia realizada pelo dr. Prado Kelly, exaltando a memoria do saudoso artista patricio.

Almoço offerecido ao consul da Noruega em S. Paulo, sr. Pikman, pelo ministro da Noruega nesta capital.

Grupo de gentis convidadas á bellissima festa do Praia Club, realizada com excepcional brilhantismo e imponencia.

Entrega dos diplomas dos alumnos do Collegio Pedro II que terminaram o curso. Vê-se, ao lado, um aspecto da assistencia e o dr. Belisario Penna, ministro interino de Educação, ao conferir o grão a um bacharel.

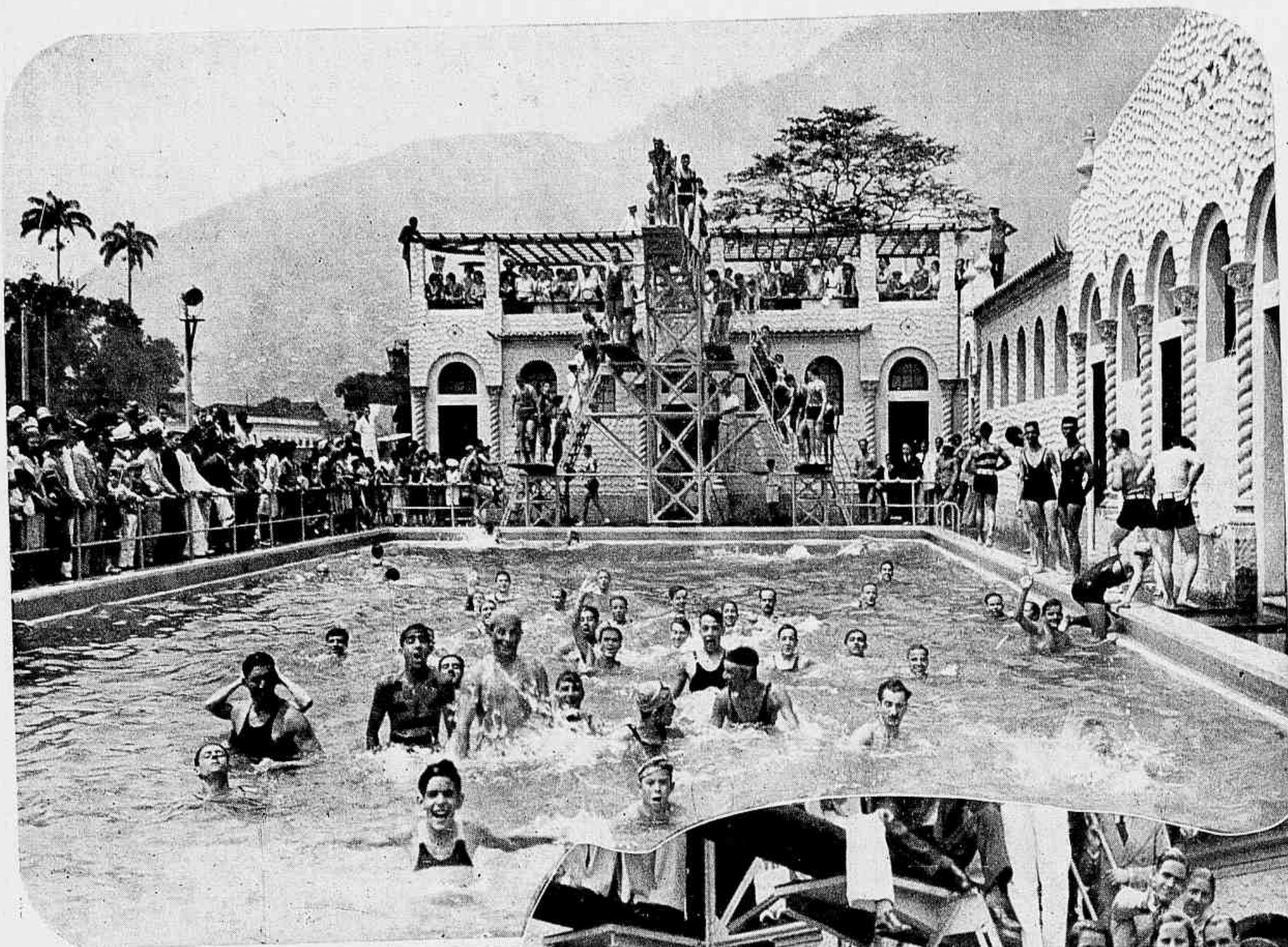
A Quinzena do Estudante

A Quinzena do Estudante, iniciada tão auspiciosamente, correu brilhantissima na semana passada.

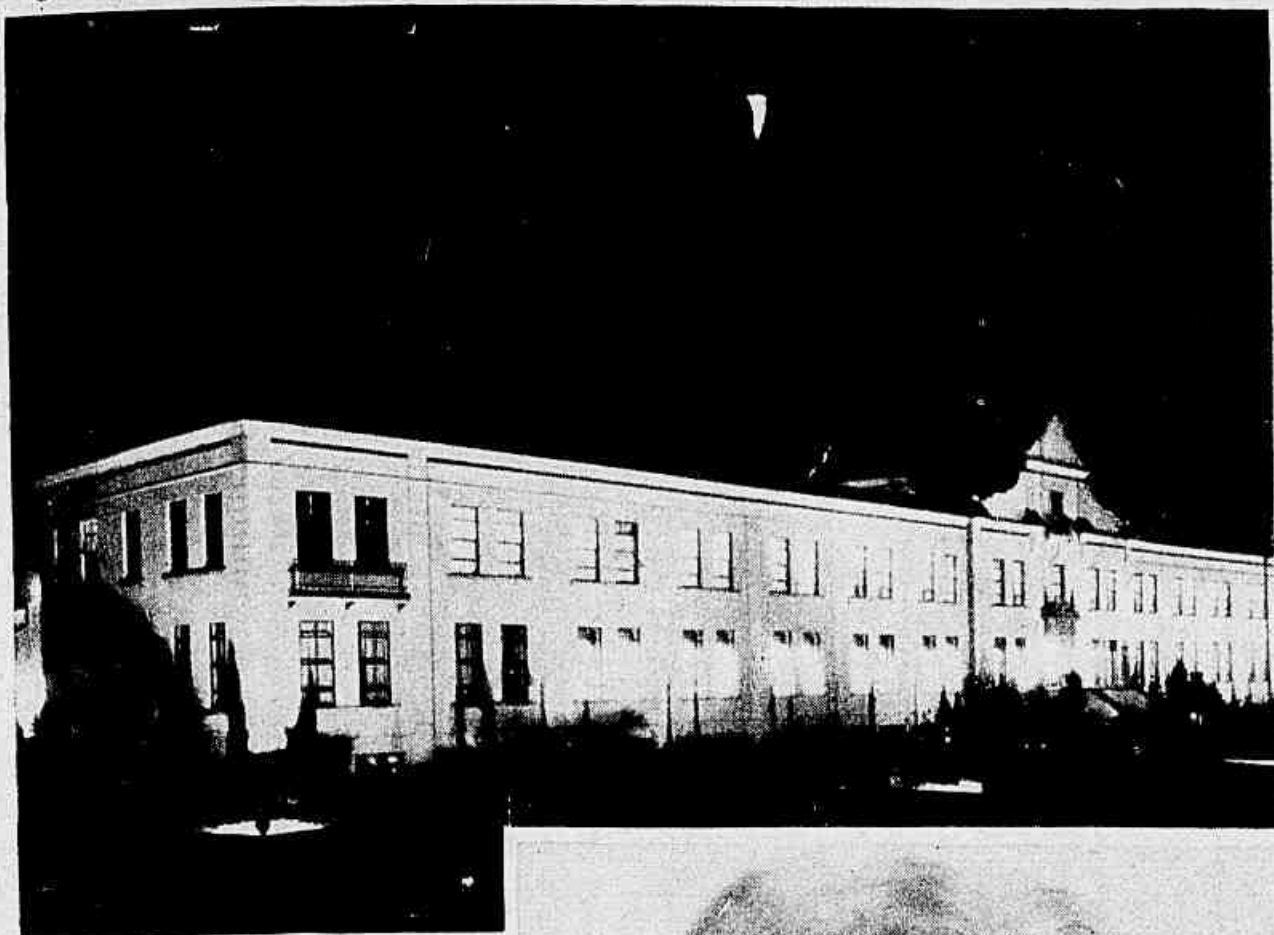
Vemos, na presente pagina, um aspecto da inauguração do *stand* da casa do Estudante na Cinelandia e dois flagrantes da Tarde Mineira, realizada no salão de Artes e Officios, organizada pela poetisa Henriqueta Lisbôa.

Um almoço da Marinha á officialidade do DAUNTLESS

Aspectos do almoço offerecido pela Marinha á officialidade do *Dauntless*, nas Paineiras.

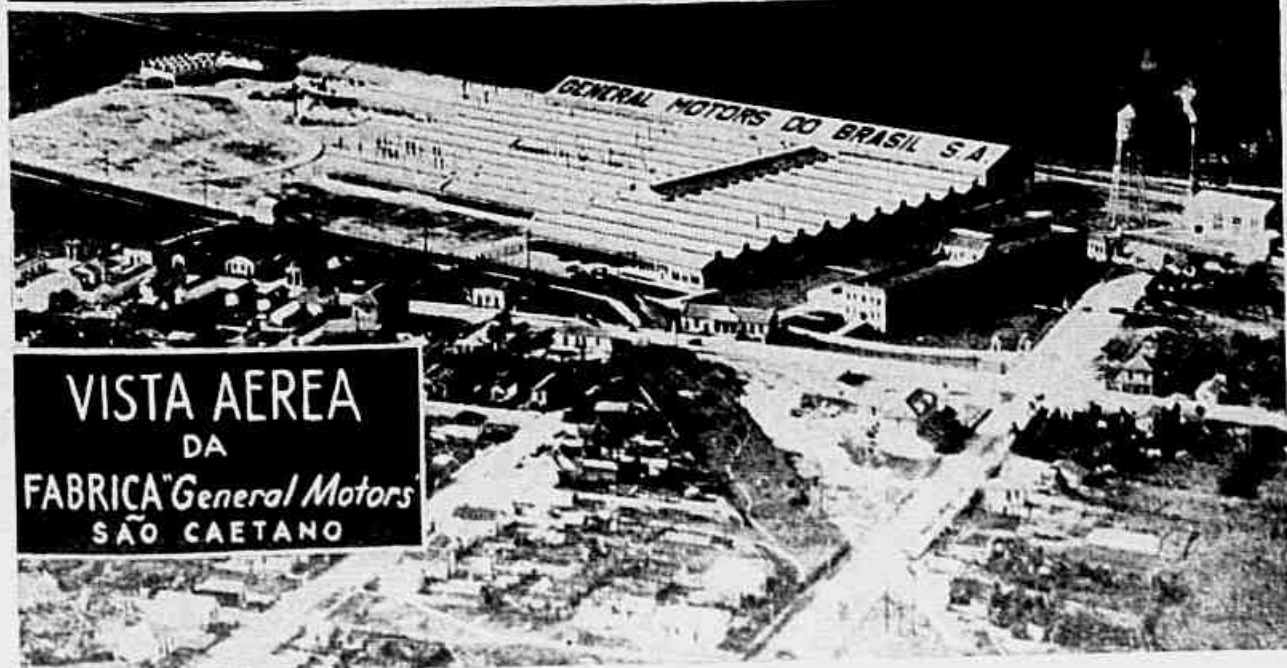
Vemos, ao alto, a guarnição homenageada e, ao lado, illustres figuras femininas que tomaram parte no almoço.

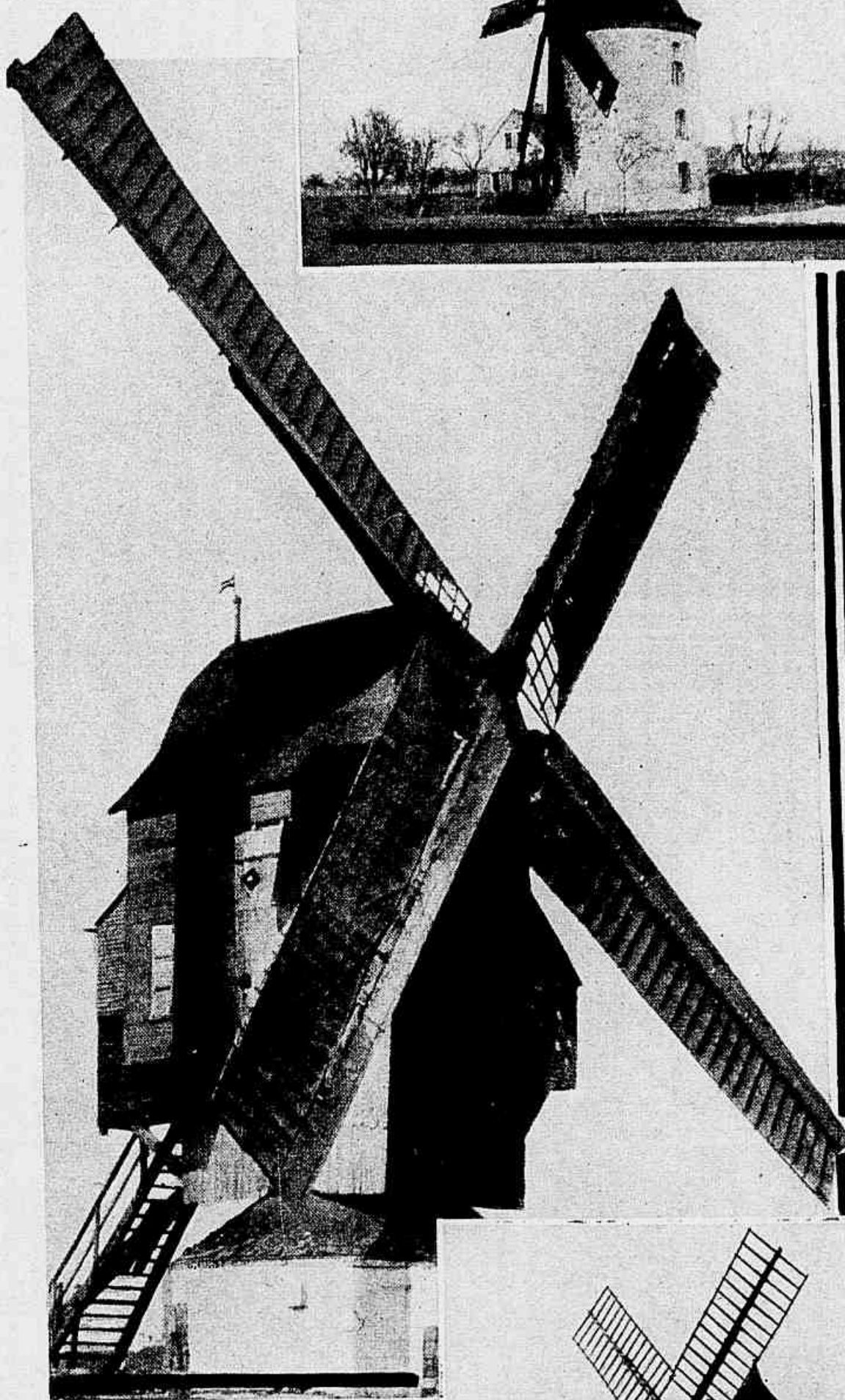
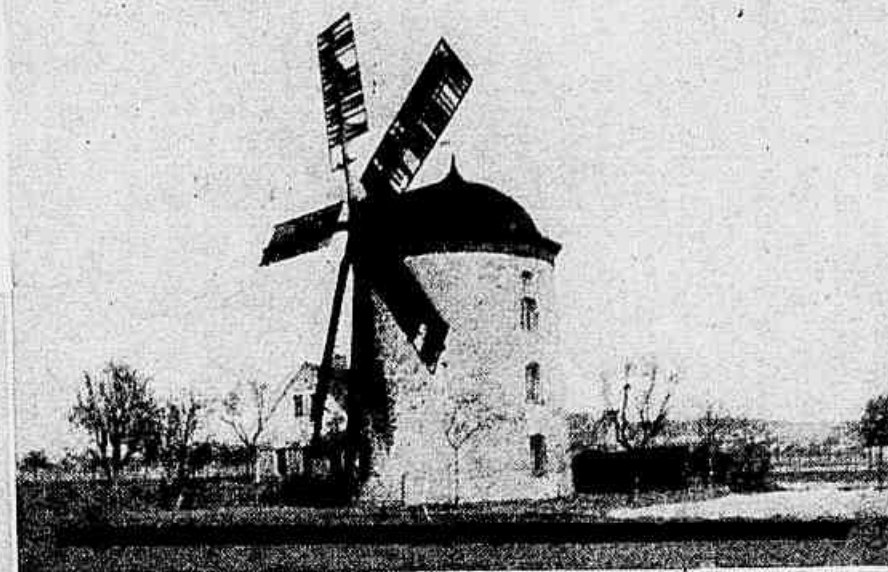
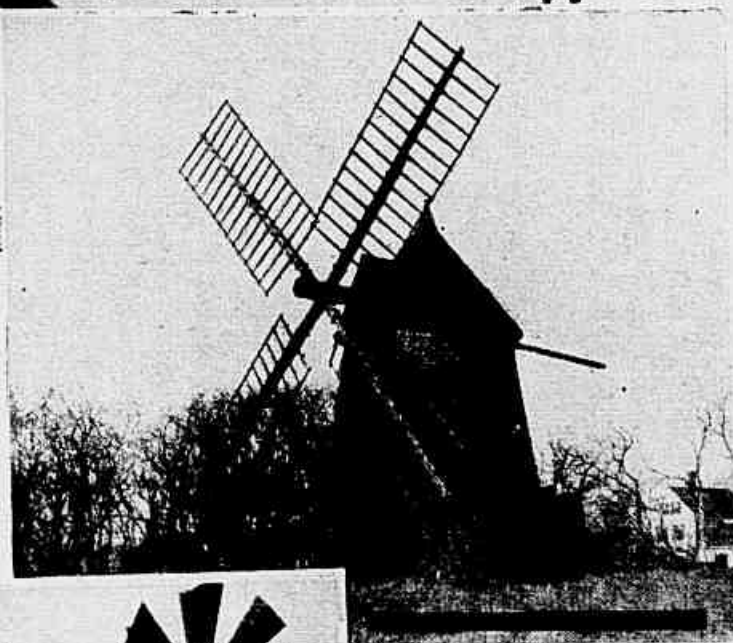
A inauguração da piscina do TIJUCA TENNIS CLUB

O *Tijuca Tennis Club* inaugurou a semana passada a sua magnifica piscina, uma das mais bellas attracções das suas modernas installações.

Vemos, na pagina, varios aspectos da festa, que foi grandemente concorrida e abrilhantada pelo encanto de jovens e galantes banhistas.

O prodigioso desenvolvimento da General Motors, no Brasil

A actividade dynamica da grande empresa americana através da revista *Yankee Time*.

A expansão admiravel que a "General Motors" logrou no Brasil foi objecto de justas referencias da revista *Time*, de Nova York, sendo a prosperidade da grande empresa norte-americana um facto auspicioso para o nosso paiz, onde já inverteu um capital de 3 milhões de dollars. Apraz-nos divulgar aqui o edificio de seus escriptorios, ao alto; no centro, os retratos dos srs. E. M. Voorhees e Alfredo P. Sloan Junior, respectivamente o representante no Brasil e o presidente da poderosa G. M. C., e, abaixo, uma vista aerea da fabrica "General Motors" em São Caetano, um dos bairros industriaes de S. Paulo, e de onde sáem os *Chevrolet* que correm pelo nosso territorio inteiro.

VISTA AEREA DA FABRICA "General Motors" SÃO CAETANO

O anachronismo encantador dos moinhos de vento

Ao lado — O tradicional moinho de Wenibohla na Saxonia.

O velho e pittoresco moinho no *Pas de Calais*, como ha innumeros no Norte da França.

O pequeno, mais interessante moinho de Cape Cod, nos Estados Unidos.

Um dos mais curiosos moinhos da Prussia, levantado em 1886.

Ao lado — Um dos moinhos mais typicos da Suecia, com quasi um seculo de idade.

Alguns padrões

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Dizem que veremos breve o vestido princeza que se amolda ao corpo e é usado sem cinto. Recortes enviezados, saias com babados, plissés soleil darão roda na parte de baixo da saia, emquanto que a linha das mangas ficará muito nitida.

Os ensembles leves para o verão serão de tons claros, tão claros mesmo que um grande numero de faceiras usarão vestidos completamente brancos. As impressões em preto e branco são de uma elegancia pratica. As pintas de todas as dimensões favorecem os contrastes de côr.

Sobre os vestidos d'um só tom, é de rigor utilizar as oppcsições.

O casaco, a pelle, o collete, as guarnições, o cinto de côr renovam o aspecto duma toilette já usada. O *bolero* curto, claro sobre um conjunto escuro, ou escuro sobre um vestido claro, dá valor a um vestido simples sem mangas.

As variedades de accessorios pódem dar a uma toilette aspectos differentes. Tenham sempre á mão diversos cintos, bolsas, echarpes, guimpes, sweaters e collares. O concurso dos guarda-sóes, luvas, sapatos, tem tambem muita importancia. Emfim os casacos curtos ou meio longos serão usados conforme a hora e o lugar da reunião.

Se os detalhes e accessorios da toilette teem importancia, muito mais a teem o córte e o acabamento do vestido. Os vestidos são ajustados na parte de cima e alargam-se na base pela grande roda que teem as saias modernas.

Para o verão ver-se-á innumeros vestidos bastante decotados e sem margas.

A manga trois quarts e a manga até o cotovello estão sendo muito usadas.

Os curtos manteaux para a noite são muito trabalhados. Os babados enforme, collocados como basquinha ou no lugar das mangas, são extremamente fantasistas. A largura das caves é uma orientação certa para o côrte kimono.

A sandalia muito recortada tem tanta voga na hora do passeio como á noite. Inspira-se nas linhas gregas e diz muito bem com os vestidos longos. Nas corridas em Paris tiveram grande successo.

O triumpho do verão em Paris foi a voga do sapato de côr — escura, viva ou clara conforme as circumstancias. Usou-se na cidade como nas praias o sapato de dois tons combinados, claro e escuro. Modelos tricolôres com incrustações de couros de differentes qualidades favorecem a ornamentação dos sapatos.

O sapato de palha é a grande novidade da actualidade. Palha rosa, amarella, azul ou de tom do vestido leves e flexiveis.

Ultimos Modelos

1 — Vestido de crepe da China beige, saia en-forme guarnecida na ala com tiras applicadas ; na pala do bolero a mesma guarnição, Segunda manga e pala do vestido de crepe beige muito claro. Fita marron na cintura. 2 — Vestido de lã leve azul com riscos pretos. Blusa e frente do mesmo tecido azul mais claro. 3 — Vestido de crepe da China verde. Os panneaux da saia cortados um pouco enforme. Punhos, frente e golla de crepe georgette branco. Cinto de verniz verde escuro. 4 — Toilette de crepe marocain vermelho escuro. Saia cortada en-forme. Segundas mangas e o laço de crepe da China vermelho claro.

Saia de crepe marocain preto, casaco do mesmo tecido branco, os punhos e a golla com viez preto.

As palhas exoticas bengale, panamá e outras são extremamente solidas. Esses sapatos serão com certeza muito apreciados aqui nos dias quentes do verão.

Conselhos sociaes

As ROMANESCAS

O escriptor francez André Maurois escreveu numa revista um artigo sobre a evolução do amor moderno, que tem sido muito commentado. Segundo elle, a liberdade, a franqueza, os

Blusa de setim branco lavavel, quatro botões de madreperola guarnecem a frente.

nossos costumes actuaes modificaram completamente o conjunto da sociedade. E o autor de Climats e de tantas obras celebres acha que os rapazes e as moças de agora que saem juntos, e se banham juntos estão muito mais perto dos gregos primitivos que de seus proprios paes.

O sr. André Maurois observa que a mulher moderna libertar-se-á cada vez mais da dependencia economica do homem. Um tempo virá, — e que está talvez proximo — no qual todas as mulheres poderão viver do seu trabalho, sem a ajuda da sua familia ou de seu marido. "Capaz de manter-se e defender-se — continúa Maurois — a mulher procurará de mais a mais no amor a igualdade, a liberdade de escolha. Não aceitará mais a velha these que, pelo menos na Europa, sustentava que a infidelidade da mulher é grave, emquanto que a do homem não tem importancia."

O amor evoluiria para um sentimento tendendo para a camaradagem. O romanesco seria exilado da terra. O sr. Maurois chama a attenção sobre o que se está passando na Russia, onde a libertação da mulher foi levada ás mais extremas consequencias, e onde mesmo "o governo prohibe o emprego das palavras amor e ternura porque acha que taes paixões tiram a força das paixões politicas."

André Maurois pergunta se uma civilização que tiver banido o amor romanesco em proveito duma severa razão, dum direito estricto, duma concepção ao mesmo tempo mais racional e mais material do amor venceria aquella que nos entrega sem grande defeza aos feitiços do amor.

"Sem duvida, diz elle, sem duvida a humanidade ganharia tempo, recuperaria forças espirituaes, faria a economia de despezas de luxo para as quaes trabalham uma grande parte dos homens. Mas perderia as forças incalculaveis que foram creadas pelo amor romanesco. As nossas mais bellas obras de arte, as mais bellas acções, foram sem duvida inspiradas, directamente ou indirectamente, por elle".

Estamos plenamente de accordo com o sr. Maurois. Os mais bellos poemas e as mais bellas dedicações foram inspirados pelo amor romanesco. Dirão que elle fez tambem victimas... E' a lei da vida... A arvore magnifica, desenvolvendo-se, condemna ao definhamento os arbustos que nascem aos seus pés e que cobre com sua sombra. Mas não podemos acreditar no desapparecimento do amor romanesco porque as formas da vida pódem mudar, as leis modificar-se, os costumes em apparencia metamorphosear-se, mas o coração humano fica immutavel, ou pelo menos as variações que o pódem affectar são infinitamente mais lentas, mais prudentes, do que aquellas que pódem revolver a constituição dos Estados.

Uma mulher de hoje soffre da mesma maneira que uma mulher dos tempos passados. O ciume não se modificou desde o tempo de Phedra.

Os adversarios do feminismo imaginam que seu triumpho mudaria a face das coisas. Evidentemente, na ordem material, faria desapparecer muitas injustiças das quaes soffremos e ás quaes os homens estão tão habituados que consideram ellas constituirem para elles direitos solidamente estabelecidos. Evidentemente, na ordem moral, as mulheres mostrariam menos resignação, e tomariam uma mais nitida consciencia dos seus direitos; mas, nessa ordem moral mesma, o fundo de sua consciencia, o fundo do seu coração pouco mudariam, porque as paixões humanas ficam identicas, emquanto que tudo que nos rodeia obedece a prodigiosas metamorphoses. Ellas não mudam mais que o nosso rosto, que a nossa apparencia corporal.

Vestido para a noite de crepe *georgette* de fantasia. O corpo e a saia guarnecidos com babados en-forme.

Tailleur de setim preto. Blusa de setim branco.

MODA INFANTIL

1 — Vestidinho de linon rosa pallido bordado com seda rosa mais vivo; os laços que guarnecem os hombros, do mesmo tom do bordado. 2 — Manteau de lã leve cinzenta com desenhos vermelhos. 3 — Vestido de crepe *georgette* rosa, ordens de franzidos marcam a cintura muito alta, pala-capa, laço de fita *gros-grain* azul turqueza. 4 — Vestido de lã branco e preto, golla e punhos de crepe branco com viez de seda vermelha. Cinto de pellica vermelha.

"Tão delicadas como antes de serem usadas...... *e esta é a quinta vez que são lavadas*"

Os diamantes brancos e refulgentes que vêm no pacóte de Lux são muitissimo mais puros do que os sabões communs. A sua espuma rica lava as mais delicadas fazendas sem o menor risco de damno.

Lux penetra no tecido e expurga facilmente todas as impurezas, sem que, para isso, seja necessario esfregar.

Esta espuma purificante conserva as suas roupas como novas e na sua primitiva frescura

Note como Lux torna setinosa a pelle de suas mãos!

No Lux não se contem substancia alguma capaz de, embora muito remotamente, atacar ou fazer encolher o mais delicado panno.

Adquira hoje um pacote de Lux.

S. A. IRMÃOS LEVER
SÃO PAULO — BRASIL

Lx. 16 – 0136 Bz.

Vestidos para Casamento

1 — Vestido de tafetá de fantasia verde claro com desenhos verde mais escuro, capa, babado e saia cortados en-forme.
2 — Ensemble de velludo preto, a saia com pala franzida na frente, a parte de cima do corpo de renda ocrée. As mangas do casaco são bastante largas em baixo. Bouquet de flôres de seda ocrée.
3 — Vestido para noiva, de renda branca, cortada en-forme muito longa. Decote quadrado, véu de tulle e grinalda de flôres de laranja.

Nossa alimentação

A FESTA DAS GOURMETTES

Paris já tem dois clubs gastronomicos femininos: as *Bellas Perdizes*, grupando vinte escriptoras conhecidas, que já está no seu quarto anno de existencia, e o *Cercle des Gourmettes* que já tem tres annos, fundado por madame Paul Ettlinger, sua presidenta, e por madame Lucien Gaudin, a encantadora esposa do conhecido esgrimista, que é a vice-presidenta.

Fazem parte desse club as senhoras da melhor sociedade parisiense. Numerosas gourmettes são as esposas de membros do celebre *Club dos Cem*, que tomou tão proveitosas iniciativas para tudo que diz respeito a estradas e a conforto nos hoteis, aconselhando aos hoteleiros que, em vez de quartos e salas luxuosas, tenham tudo muito simples e muito limpo, para que o luxo não seja pago á custa da cozinha sã. "Come-se bifes, não cadeiras Luiz XV".

O fito que se propõe o *Cercle des Gourmettes* tambem é digno de louvor.

Os artigos dos estatutos do Cercle são os seguintes.

— Conservar e desenvolver o gosto da bôa cozinha franceza.

— Facilitar e melhorar o turismo em França, ajudando os bons hoteis e bons restaurantes.

— Desenvolver o gosto da cozinha familiar e a gastronomia regional por meio de recompensas aos cozinheiros e cozinheiras merecedores, pela troca entre seus membros de bôas receitas.

— Combater a vida cara fazendo conhecer os endereços de fornecedores vendendo generos de bôa qualidade por preços razoaveis.

Os jantares ou almoços das Gourmettes são executados na casa de uma dellas e teem de ser feitos pela cozinheira da Gourmette, que assume a responsabilidade de convidar as suas collegas.

O preço da refeição é fixado de antemão e sob nenhum pretexto póde ser ultrapassado.

De vez em quando as Gourmettes dão festas. Uma importante parte artistica é sempre o complemento d'esses banquetes.

Todo Paris se recorda ainda do almoço que as Gourmettes offereceram ao *Club dos Cem*, em 1929, na bella propriedade de uma dellas, miss Rodgers, em Lardy, perto de Etampes.

As Gourmettes acabam de realizar, no mesmo scenario feerico, um festim, que ultrapassou em esplendores engenhosos o de 15 de Junho de 1929.

Primeiro é preciso que se diga que as Gourmettes não fazem encommendas a nenhuma dessas emprezas que se encarregam de lunchs e jantares, nem pedem grande cozinheiro a nenhum dos hoteis, nem a collaboração de nenhum restaurante.

O *Cercle des Gourmettes* faz questão de provar que é composto de verdadeiras gourmettes, quer dizer donas de casa que sabem organizar um banquete, guiar uma cozinheira. As Gourmettes compram tudo ellas mesmas, e a presidenta, madame Ettlinger, escolheu todos os frangos e examinou todas as caixas de fructas.

Foram servidos nesse banquete pratos ineditos.

Os hors-d'oeuvre, que foram servidos á russa e que foram regados por bebidas nordicas, chegaram naquella mesma manhã da Suecia, tendo vindo de avião.

A refeição começou por lagostas, acompanhadas por um môlho de vermouth, inventado por madame Et-

Toilettes para a noite

1 — Vestido de crepe georgette azul claro, a saia muito ajustada na parte de cima termina por um grande babado cortado en-forme e franzido. Cordão formado por fios de contas azues mantém o decote. Grande rosa vermelha na frente. 2 — Blusa-capa de velludo roxo sobre um vestido de crepe georgette rosa. 3 — Vestido de crepe-setim verde muito claro, os panneaux da saia muito en-forme. Um babado muito eu-forme rodeia o decote. 4 — Toillette de crepe georgette vermelho coral, bouquets de flôres vermelho claro guarnecem o hombro e a cintura. Fita do mesmo tom na cintura.

tlinger, e que foi muito apreciado.

Em seguida gallinholas, depois carne de vacca *à la royale*, que foi recebida por uma fanfarra marcial executada por musicos fardados com o vestuario dos guardas do grande rei. Um tal prato, que era um dos preferidos de Luiz XIV, merecia tal honra. Restituindo á palavra *entremets*, seu antigo significado — divertimento entre os manjares — as discipulas de Marie Kummer evoluiram sobre os gramados, pernas núas, como borboletas que fossem flôres de carne, harmoniosamente castas.

Depois foram as fructas, os doces, o champagne, e a linda apparição de Colette Andris, com a sua peruca de seda branca, mythologica estatua que de repente se anima com o perfume desse prestigioso banquete e salta, ligeira e graciosa, do seu pedestal.

E todos imaginavam, ouvindo aquellas musicas do seculo XVIII, reviver o tempo das festas faustosas do superintendente Fouquet, no tempo das nymphas de Vaux.

MENU DE JANTAR

SOPA DE CALDO DE GALLINHA COM ARROZ

LAGOSTA Á BORDELAISE

GALLINHOLAS COM LINGUA VERMELHA
COUVE-FLOR COM MOLHO DE MANTEIGA

CARNE À LA ROYALE
SALADA DE ALFACE

CREME MOKA

SOPA DE CALDO DE GALLINHA COM ARROZ

Põe-se n'um caldeirão uma gallinha gorda, um mocotó de vitella, agua fria e um pouco de sal; faz-se ferver o liquido; escumar e retirar a vasilha do fogo forte; juntar um pedaço de nabo, um pedaço de aipo, de alho poireau, uma cebola na qual se espeta um cravo da India. Assim que a gallinha e o mocotó estiverem cozidos retira-se e passa-se o caldo. Junta-se 200 grs. de arroz e continúa a cozinhar no fogo brando.

Retira-se a carne branca da gallinha, pica-se e soca-se para ficar uma massa. Quando o arroz estiver bem cozido, côa-se de novo o caldo. Não se deve amassar o arroz (o arroz é só para dar a sua gomma). A massa de gallinha é desfeita e passada numa peneira depois de misturada com um pouco de caldo.

Aquece-se a sopa sem deixar ferver, junta-se um pouco de leite e meia colhér de manteiga.

LAGOSTA A' BORDELAISE

Põe-se a lagosta dentro da agua fervendo e em seguida separam-se as patas e pica-se a carne da lagosta em pedaços. Pica-se uma

Os bluets, incrustações com o ponto turco

As fantasias da moda offerecem-nos agora, com o ponto turco, misturas de tons nos tecidos. São interessantes pelos effeitos decorativos. Essas applicações completam-se por um ponto de haste ou cordonnet para os galhos e desenhos que guarnecem o trabalho. O ponto turco já é bem conhecido, para que seja necessario dar uma nova explicação; mas lembraremos áquellas que tiverem um pouco esquecidas, que é necessario uma agulha grossa e uma linha fina e forte para executal-o. Comporta 4 movimentos, demonstrados no desenho; cada movimento é um duplo ponto de pesponto bem apertado. A toalha póde ser de linho branco, rosa claro ou cinzento claro, as flôres de linho azul. Applica-se a tira de linho azul sobre o tecido da toalha e desenha-se as flôres e folhas, em seguida faz-se o ponto turco. E' necessario que o ponto turco segure bem os dois tecidos. O tecido azul é recortado em seguida no exterior das flôres e folhas com tesoura bem amolada e bem junto do ponto turco. Termina-se depois de todo tecido azul ter sido recortado, fazendo-se um ponto de haste com linha azul para formar as hastes das flôres e folhas. Com essa mesma linha azul bordam-se os desenhos que guarnecem o modelo; para formar a barra fazem-se carreiras de ponto de alinhavo ou cordonnet com linha azul. Póde-se fazer a toalha de côr e o desenho ser feito com o linho branco.

GALLINHOLA COM LINGUA VERMELHA

Depois da gallinhola bem limpa e as patas bem presas debaixo da pelle, amarra-se em volta della tiras de toucinho, colloca-se numa panella sobre pedacinhos de toucinho, cenouras cortadas, um bouquet de cheiros; mólha-se até cobril-a com caldo. Põe-se por cima papel untado com manteiga, deixar cozinhar em forno moderado.

Cozinha-se á parte uma lingua de salmoura e depois passa-se em farinha de rosca e em ovo, de novo na farinha de rosca e em seguida vae passar no forno.

Côa-se o môlho da gallinhola e engrossa-se com um pouco de maizena desfeita num pouco de leite e junta-se uma gemma de ovo na ultima hora (não deve ferver mais).

Arruma-se na travessa os pedaços da gallinhola entremeiados com os de lingua collocados sobre torradas fritas na manteiga.

O môlho é servido na molheira.

CARNE A' LA ROYALE

O filet depois de tirado do osso é batido e recheiado com o seguinte recheio.

Pica-se um pedaço de carne, de presunto e de toucinho; refoga-se na manteiga com cebola, salsa e tomates; molha-se com um pouco de caldo deixa-se cozinhar um pouco e engrossa-se com um pouco de maizena. A carne depois de bem amarrada vae refogar na manteiga e depois cozinhar no champagne (o vinho branco póde substituir o champagne).

CREME MOKA

Bate-se bem dez gemmas com 200 grs. de assucar; quando estiver bem crescida a massa de gemmas junta-se meio copo de

Alguns interessantes modelos de novos penteados, decorrentes da fallencia do cabello *à la garçonne*.

cebola e algumas cebolinhas; refoga-se num pouco de azeite; juntam-se depois os pedaços de lagosta. Põe-se a panella no fogo forte, tempera-se com sal, 1 pimentão e dois dentes de alho. Tira-se o alho e junta-se 2 copos de vinho branco e um bouquet de cheiros; deixa-se cozinhar 20 minutos. Côa-se o môlho e arrumam-se os pedaços da lagosta numa outra panella. Junta-se ao môlho umas colhéres de môlho de tomates e deixa-se cozinhar em fogo brando uns 8 ou 10 minutos.

Tempera-se com uma pitada de pimenta e por ultimo junta-se 75 grs. de manteiga aos pedacinhos.

Despeja-se o môlho sobre os pedaços de lagosta.

essencia de café e uma colherinha de maisena, e mistura-se devagarinho com um litro de leite fervendo; vae ao fogo para engrossar mexendo-se sempre com uma colhér de páu.

Junta-se, no fim 125 grammas de amendoas torradas e bem picadas.

Não toqueis na rainha!

DOS TEMPOS D'ANTANHO

Quando uma senhora, extremamente susceptivel, se offende por uma brincadeira, qualificando de pouco delicado aquelle que a fez, costuma-se dizer com ironia: "Não toqueis na rainha!"

Esta phrase é muito empregada na Espanha, por ter sido a etiqueta da sua côrte mais severa que a de todas as outras côrtes da Europa. O historiador D'Arcy refere que a minima falta nesse genero podia outrora ser a causa da morte do desgraçado que a tivesse commettido, ainda que fosse para salvar a vida do proprio soberano.

A etiqueta, tão severa para os reis, não o era menos para as suas reaes consortes. Uma lei castigava com a morte a quem tocasse, mesmo inadvertidamente, na rainha. Esta devia manter sempre as suas pernas escondidas de maneira que ninguem pudesse gabar-se de as ter visto. "A rainha de Espanha não tem pernas", dizia a camareira principal encarregada de ensinar o cerimonial á noiva d'um rei de Espanha, e a pobre princezinha, ainda muito creança, pensando que lhe seriam cortadas as suas, poz-se a chorar desconsoladamente.

No emtanto, não foi sempre assim severa a etiqueta. Durante o reinado dos Reis Catholicos, poude Gonzalo de Córdoba atravessar uma rua levando a rainha nos braços para que os seus pés se não molhassem sem que Fernando de Aragão reprovasse esse acto de galanteria. Outra coisa teria acontecido ao Grande Capitão se tivesse feito o mesmo nos reinados seguintes. Teria pago com a vida essa falta de respeito.

Quando a bellissima Izabel de Bourbon, filha de Henrique IV e de Maria de Médicis, se casou com Philippe IV de Espanha, foi, desde a sua chegada em Madrid, victima da má vontade do duque de Olivares, contra o qual esteve sempre em continua luta. Desde o primeiro momento a rainha tinha inspirado uma grande paixão ao conde de Villa Medina, que appareceu em um torneio levando escripto nos arreios do seu cavallo esta divisa:

"Meus amores são..." junto a alguns reaes de prata.

O duque de Olivares chamou a attenção de Philippe IV para a ousada declaração, tendo-se enraivecido o rei até ao ultimo ponto, apezar de não ser extremamente ciumento.

Outra circumstancia acabou de liquidar o conde. Tinha escripto uma comedia para ser representada em seu proprio palacio em honra de Philippe IV; e a rainha, tendo-se interessado pelo trabalho lit-

Jogo de quilhas como guarnição

E' esta uma guarnição interessante para enfeitar vestidinhos e aventaes de creança, assim como almofadas e cortinas de quartos infantis. Sobre uma tira fingida por um ponto de festão, bordam-se as quilhas com ponto de haste, guarnece as suas cabeças com pontos de nó. O vestidinho de linho branco é bordado com linha azul, o avental de linho beige é bordado com linha vermelha e a almofada de linho verde tem o bordado feito com linha preta.

Fanny Hurst
Depois de Anita Loos é a escriptora mais popular da America do Norte e escreve em quasi todos magazines e jornaes.

Felipe IV.

Conde Duque de Olivares.

Maria Antonieta.

terario, quiz tambem tomar parte na representação, que teve lugar com um luxo extraordinario, gastando o conde uma grande quantia com vestuarios e decorações. Izabel de Bourbon devia apparecer envolvida em nuvens de filó n'uma das scenas principaes, e o audaz apaixonado poz fogo nas cortinas, que arderam junto do palco, tendo então apparecido Villa Medina como salvador, aproveitando da opportunidade para declarar o seu amor.

Um pagem tendo revelado ao duque de Olivares todos esses detalhes, quiz este forçar o rei a processar o conde, por delicto de lesa-majestade.

Não tendo conseguido seus propositos, fez então assassinar o conde, quando este descia da sua carruagem, acompanhado por D. Luis de Haro, que em vão tentou defendel-o.

Esta prohibição de tocar na rainha quasi ia causando a morte d'uma encantadora soberana, Maria-Luiza de Orléans, esposa de Carlos II. Quando a jovem princeza deixou a côrte de França, para occupar o throno de Espanha foi victima da etiqueta palaciana. A sua vida se tornou supportavel sómente depois que conseguiu libertar-se da sua dama de honor a duqueza de Terranova, que a immobilisava com as cadeias do protocollo.

Substituiu esta titular nas suas funcções, a duqueza de Albuquerque, muito mais tolerante, e Maria-Luiza poude então gozar de algumas pequenas liberdades, como deitar-se ás dez horas da noite, chegar ás janellas do palacio e sobretudo, gozo supremo da pobre rainha que era uma eximia amazona, montar a cavallo e passeiar pelos jardins reaes.

Uma manhã, ao pôr a rainha o pé no estribo, o seu cavallo assustou-se, arrastando-a sobre as pedras, sem que ninguem ousasse soccorrel-a.

El-rei, que presenceava a scena d'uma janella, pedia soccorro quando dois cavalleiros correram em seu auxilio: um manteve o cavallo emquanto o outro conseguia desprender o régio pé.

Quando Maria Luiza quiz conhecer seus salvadores, soube que estavam presos, por terem tocado na sua augusta pessôa, e que, provavelmente, seriam condemnados á morte, mas graças ás supplicas da rainha, o rei consentiu em perdoal-os.

Não era sómente na Espanha que a etiqueta impunha as suas regras de ferro; nas outras côrtes européas tambem escravisava os soberanos com iguaes rigores, como prova a seguinte anecdota.

O genio de Maria Antonieta, esposa de Luiz XVI, era alegre e brincalhão, fazendo-a soffrer as duras imposições da etiqueta.

Por troça chamava ella a dama de honor que lhe ensinava as regras da eti-

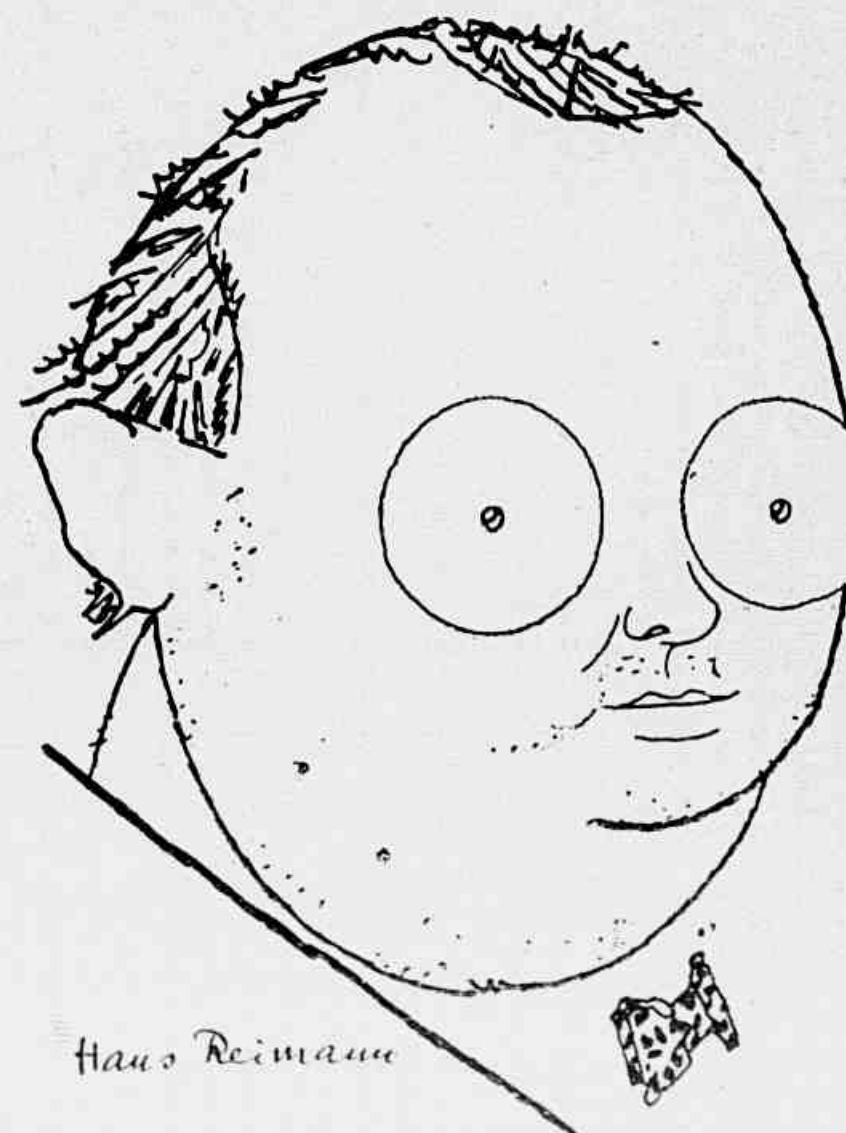
Como se póde vêr, Caruso não era sómente um artista no canto; manejava o lapis com igual maestria.

AUTO-CARICATURAS

O comico norte-americano Buster Keaton.

O conhecido palhaço inglez Croch.

Victor Hugo, o escriptor que todos ainda admiram, gostava tambem de desenhar.

O poeta allemão Hoffmann era tambem um artista no desenho, como prova este Auto-retrato.

Hans Reimann, conhecido escriptor allemão.

Vestidos singelos

1 — Vestido de lã branca com xadrez preto, botões pretos e cinto de verniz. Tira de fustão branco em volta da golla. 2 — Ensemble — Vestido de shantung vermelho com a parte de cima de toile de seda branca. Casaco de shantung vermelho. 3 — Saia de tecido de lã de fantasia, em tom beige, casaco de lã marron, gravata de foulard beige claro com pintas marron.

queta "Madame l'Etiquette"!

Maria Antonieta tinha installado no Petit-Trianon uma pequena vaccaria, onde as damas tiravam o leite de vaccas que pareciam de brinquedo, e faziam manteiga e queijos para a meza do rei.

Um dia a jovem rainha viu nos jardins um burrinho e aproveitando da ausencia da temida "Madame l'Etiquette" montou nelle com a ajuda das suas damas de honor e quiz que elle andasse; mas o burrinho recusou-se a mover-se. Alguns cortezãos tentavam puxal-o pela rédea e outros empurral-o pelas ancas, emquanto a rainha dava com chicote no animal teimoso, que decidiu zangar-se e, depois d'uma série de corcovas, atirou a soberana no chão, com pavor dos cortezãos, que hesitavam devido aos rigores da etiqueta no que deviam fazer. Por fim alguns delles decidiram pôr de lado a etiqueta e ajudar a rainha a levantar-se, mas a rainha recusou.

— Não! Não! — gritou entre gargalhadas. — Chamem "Madame l'Etiquette" para que nos diga quaes são as regras a seguir quando uma rainha de França cáe d'um burro...

Como se vê, Maria Antonieta não tomava a sério a etiqueta, tendo provado isso desde muito pequena na côrte da Austria.

Mozart foi um phenomeno de precocidade, celebre na idade em que as outras creanças não conhecem ainda as lettras. Aos seis annos, seu pae e mestre levava-o de côrte em côrte dando concertos.

Convidado pela imperatriz da Austria, desejosa de conhecer aquelle prodigio musical que sendo ainda tão creança compunha musicas difficeis para os melhores executantes, foi levado até á sala onde estava Maria Thereza rodeada pelas jovens archiduquezas, suas filhas, e pôr toda a sua côrte.

Quando o pequeno Mozart entrou no salão, pouco acostumado a andar nos assoalhos muito envernizados, escorregou ao fazer sua reverencia. As archiduquezas não puderam esconder o riso vendo os vãos esforços que fazia o menino para levantar-se, mas a mais jovem dellas, uma lourinha de oito annos, a futura rainha de França, não fazendo caso da etiqueta, correu para o pequeno que chorava, ajudou-o a levantar-se e com palavras e beijos conseguiu consolal-o. O pequeno Mozart, agradecido, quiz que a archiduqueza ficasse ao seu lado durante todo o concerto e, ao despedir-se, disse-lhe que ambicionava ganhar muito dinheiro, mas

Grupo de alumnos do professor Dino Fioreti, do curso de violino que mantém na cidade de Santos.

Centros de mesa bordados

Esses dois pannos são guarnecidos com o bordado aberto festonado; uma renda de linho termina-os. Pódem ser executados em linho branco, mas ficam mais interessantes quando é escolhido um tom de linho bis (barbante claro); o bordado póde ser feito com linha branca ou do mesmo tom.

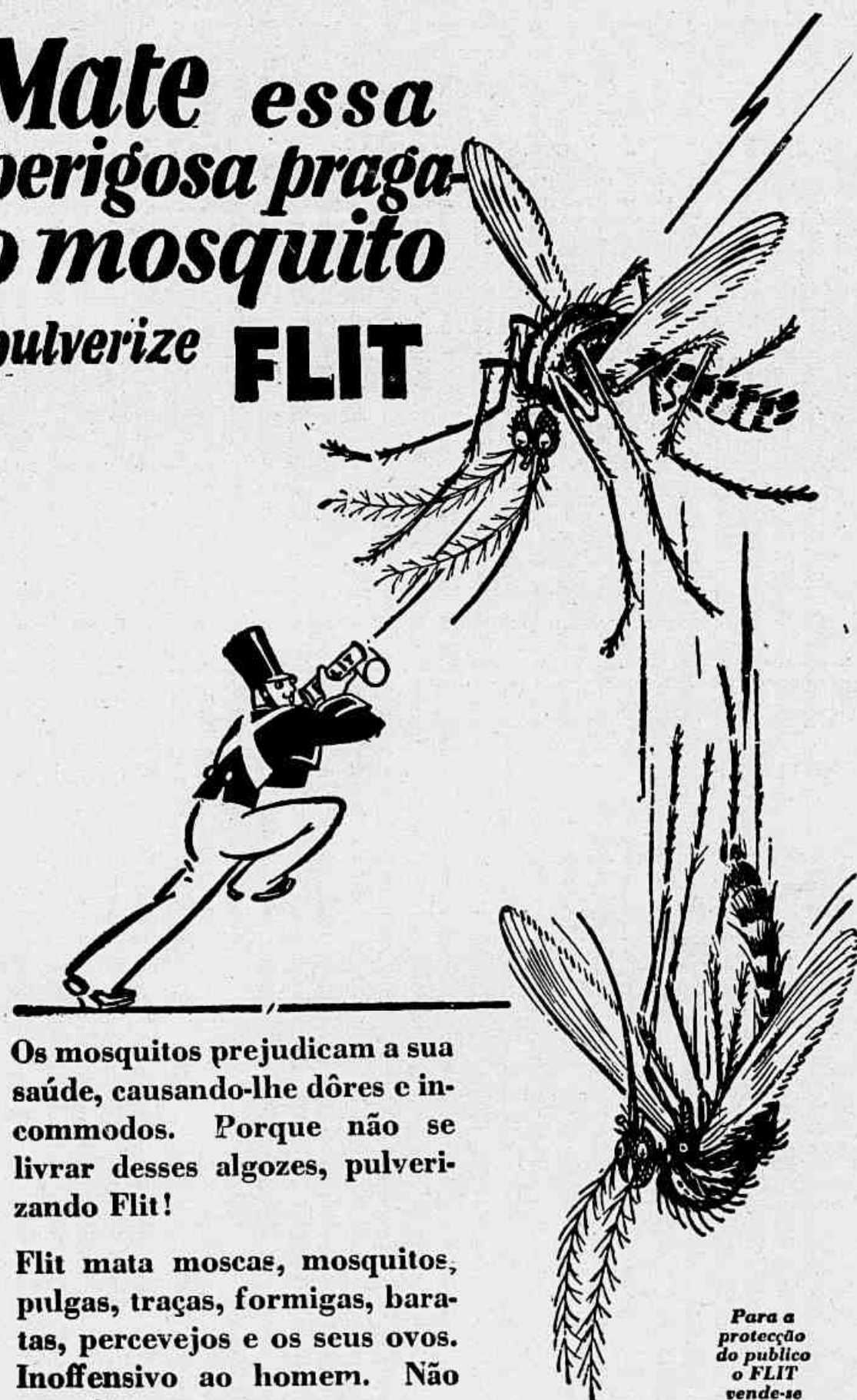
para sua avó, pedindo a approvação n'um sorriso, enfrentou a multidão, muda de surpreza, e a dois passos da guilhotina, que a esperava, inclinou-se graciosamente segurando no vestido, e fez a mais perfeita e encantadora das reverencias a sua Majestade a Morte...

Curiosidades

Mar Vermelho — Sobre a origem deste nome, que data dos Gregos, diversas hypotheses foram emittidas. L. de Laborde, no seu livro *Viagem na Arabia*, inclina-se para a seguinte razão, a mais simples. "Provavelmente, disse elle, foi devido á côr das montanhas formadas de granito rosa, de porphyro e rochas de grez, tingidas de oxydo de ferro, que apresentam o vermelho mais escuro; podendo juntar-se ainda a massa de coraes que formam o fundo e que muitas vezes se soltam, o que impressionou a imaginação dos Gregos; como tambem poderia ter sido a atmosphera que toma, acima das montanhas, um tom vermelho que se reflecte no mar.

Poltrão — Esta palavra vem, dizem, de *police truncus*, que significa "que tem o pollegar cortado". Na época do Baixo-Imperio, os privilegios dos soldados veteranos passavam para seus filhos que se destinavam á profissão das armas. Mas os imperadores Valentiniano e Valencio foram obrigados a publicar uma lei que condemnava á pena do fogo aquelles que, para evitar o serviço militar, mutilavam os dedos. Com effeito, muitos rapazes dessa época, que tinham de ser soldados á força, cortavam os pollegares por covardia, afim de se tornarem inaptos para o serviço militar.

Academia de córte e costura

Rua da Carioca 59 — 1.º andar (Nome registrado). Curso completo de córte e costura em 3 mezes. Cursos intensivos em 1 e 2 mezes. Concede diploma. Todas as alumnas recebem um livro com todos os moldes basicos para qualquer figurino. As candidatas a diploma neste anno deverão matricular-se até ao dia 15 de Setembro. Mais informações com a directora, Mme. Malvina Kahane.

sómente para poder vir buscal-a mais tarde para ser sua esposa.

Como todas as cousas, essa etiqueta, cujos ritos se impunham como os de uma religião, teve tambem seus lados bons. Como duvidar da importancia dessas futilidades quando a preoccupação de não faltar a ellas deu a uma nobreza tão frivola a coragem de morrer entre reverencias e cumprimentos, como se em vez de ter em baixo dos saltos vermelhos o tosco tablado da guilhotina, tivessem os envernizados assoalhos dos salões reaes?

Pelo respeito á etiqueta morreram com mais coragem que velhos batalhadores duas debeis mulheres.

Madame de Puységur, velha aristocrata a quem a guilhotina não ia roubar senão pouco tempo de vida, foi encarcerada no principio da Revolução, junto com uma sua neta, menina que ainda não tinha sido apresentada na côrte. Todos os dias a avó ensinava a menina a executar com graça e perfeição a grande reverencia da côrte, a que impunha a etiqueta para a apresentação ao rei.

Os companheiros de prisão tinham pena da pobre senhora, que conservava ainda a illusão de que se salvariam os reis e que sua neta pudesse fazer a reverencia exigida pelo ceremonial.

Quando chegou o momento de subir para a carroça funebre a menina perguntou á avó:

— E a apresentação a sua majestade, minha avózinha?

Durante algum tempo madame de Puységur falou ao ouvido da neta, apertando-a nos braços até chegar junto do cadafalso.

A jovem subiu com firmeza, olhou a ultima vez

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, responderá a todas as consultas sobre o tratamento hygienico da pelle, do cabello e saude da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Haritoff n. 54 - 1.º andar — Copacabana.

Mme. Rezende (Santos) — A sua carta é um mimo de amabilidade, agradeço-lhe penhoradissima as suas lindas palavras. Quanto á sua consulta, deve usar o *Crême Neve*, a *Loção Adstringente* e o *Pó de Lyrio*. No prospecto que acompanha a *Loção Adstringente* encontrará as instrucções, cuja leitura integral lhe recommendo. Com esta recommendação julgo melhor retribuir a gentileza das suas expressões.

Mlle. Lima (Bahia)— O *Crême Neve* é um producto admiravel no progresso da belleza. Destina-se ao tratamento da cutis, para amacial-a, vitalisal-a e clareal-a. Seu resultado no tratamento das mãos, braços e pescoço é extremamente benefico. O *Crême Neve* é rapidamente absorvido pela pelle, delicadamente perfumado. Póde usal-o como fixativo do pó de arroz.

O *Crême de Massagem* destina-se á massagem do rosto para evitar e corrigir a ruga. E' um nutritivo da pelle, limpando-a e tornando-a firme. O *Crême Neve* e o *Crême de Massagem* são preparados indispensaveis á cultura da saude e belleza da pelle.

Bijou (S. Paulo) — O rouge *Rosita* é o mais efficaz substituto da côr natural da pelle. Não prejudicando a cutis, não distingindo, resistindo á transpiração, serve para as faces e é de uma adherencia absoluta nos labios. E' o rouge predilecto da mulher elegante.

Rosalina — A minha tintura restitue ao cabello a côr natural, sem que se possa adivinhar o artificio.

O tratamento pela luz é actualmente considerado como um dos melhores processos para fazer desapparecerem certos defeitos, como rugas, manchas, cravos e espinhas. Melhora o funccionamento da pelle, tonificando-a e tornando-a macia, sendo tão necessario á conservação da mocidade, saúde e formosura como o tratamento dos dentes. Uma applicação de luz por semana torna a pelle o mais perfeita possivel.

Laila — A normal distribuição do pigmento dá origem a manchas; não se acudindo a tempo com o tratamento apropriado, estas manchas progridem com muita facilidade. As applicações de luz melhoram o funccionamento da pelle, limpando e tonificando-a.

Encontra-me todos os dias das 11 ás 4.

Mme. Y. Z. — O alcool resecca a pelle. Deve adoptar o seguinte tratamento. Diariamente estenda sobre a pelle o *Crême Neve*, em seguida applique uma compressa quente. N'uma chicara de agua quente junte uma colhér da *Loção para os Cravos*. A' noite antes de deitar applique a *Pomada para os Cravos*. Ao levantar, depois da compressa applique a *Loção de Embellezar a Pelle*, e o *Pó de Arroz Hygienico*. Com este tratamento recuperará uma pelle saudavel.

Alva Hortencia (S. Paulo. — A minha *Loção para os Cravos* é remedio energico e efficaz: applique diversas vezes ao dia juntando-lhe em partes eguaes agua quente.

Mlle. Almeida — *Rosita* é um rouge liquido de uma adherencia absoluta. O tom roseo fica muito bonito. Encontra-o no Parc Royal.

C. B. — O *Crême de Massagem* penetra em cada poro, limpando e nutrindo a pelle.

SELDA POTOCKA.

O DIA DA IMPRENSA NA BAHIA

A' esquerda, grupo de jornalistas, após o almoço que o sr. Carlos Spinola, Delegado da Associação de Imprensa, offereceu á Imprensa. A' direita, um aspecto do almoço, vendo-se o dr. Carlos Spinola, o primeiro á esquerda, no ultimo plano.